



ISSN 2966-0262

Vol. 4/ N 21/ Fevereiro de 2025

O Odisseu

Entre o passado e o futuro: os clássicos

Ainda há espaço para o cânone literário no presente?

Ensaio de Matheus Xavier investiga a permanência do cânone em tempos de reinvenção e ruptura no campo da literatura

Contra a sacralização dos clássicos

Lili X confronta o processo de canonização numa crítica aos mecanismos de exclusão da crítica literária.

Dênisson

Padilha Filho

A convite da revista O Odisseu, Kátia Borges escreve um perfil literário de um dos autores mais ativos da cena soteropolitana que completou 25 anos de carreira. + Ensaio fotográfico por Marlon Chagas.

Modernismo

Negro

Welber Trindade resenha "Modernismo Negro: Literatura de Lima Barreto", um dos lançamentos de crítica literária mais aguardados do ano.

Entrevistas

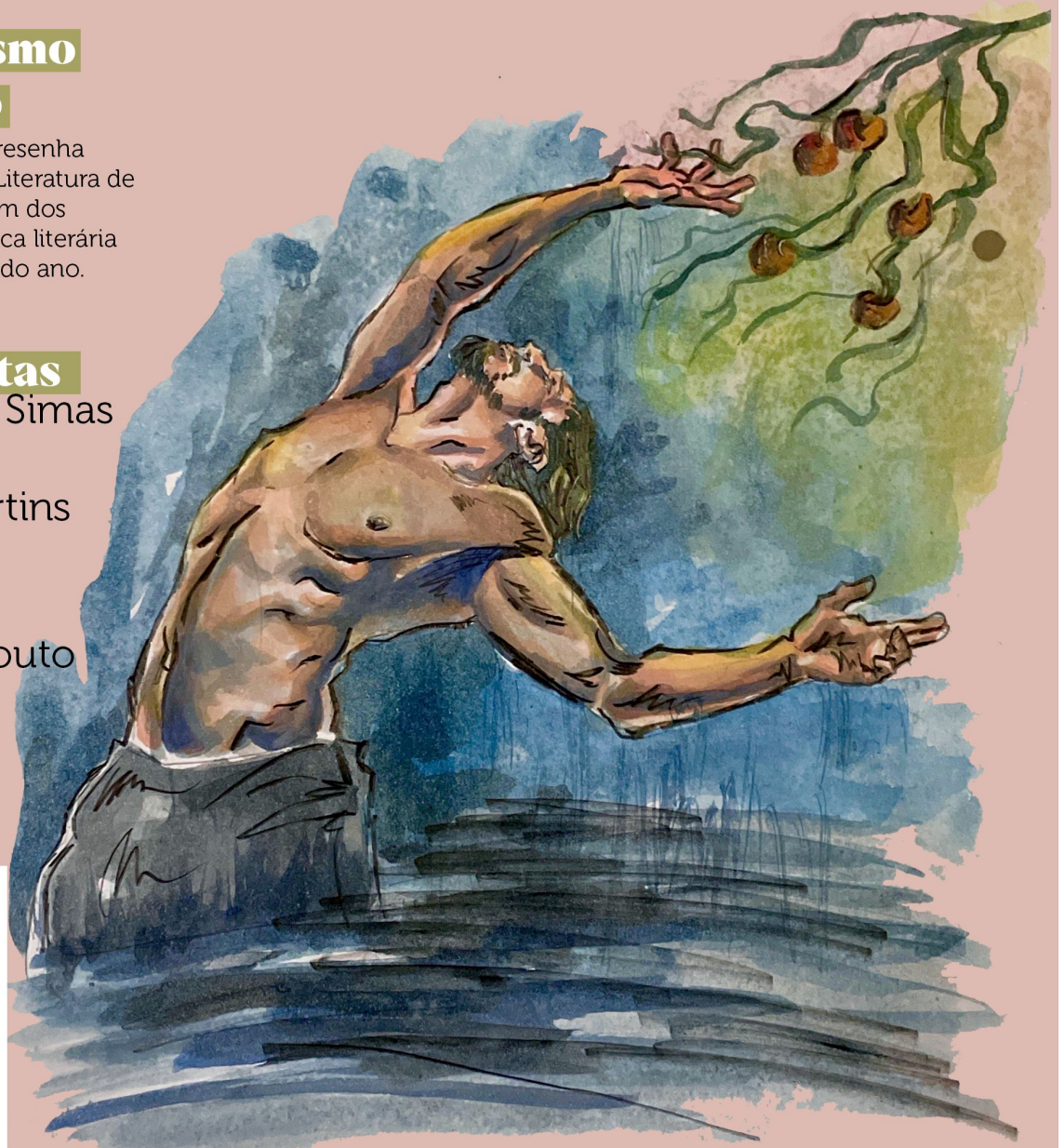
Luiz Antonio Simas

+

Milena Martins
Moura

+

Carluce Couto



Sumário

Caderno 1 - p. 2

POESIA: “Amor Mythi: A Máquina Bicentenário”, por Leandro Santos Faria - p.3

EDITORIAL: “Entre o passado e o futuro: os clássicos”, por Caio Paiva Ribeiro

CRÔNICA: “Por que ler os clássicos”, de Pedro Henrique Rodrigues - p. 6

CRÍTICA LITERÁRIA: “Ainda há espaço para o cânone literário no presente?”, por Matheus Xavier - p. 9.

ENSAIO: “Contra a sacralização dos clássicos”, por Lili X - p. 12

ENSAIO: “A poesia homoerótica de Safo, C. P. Cavafy e Walt Whitman”, por Arthus Mehanna - p. 14

ENSAIO: “Virginia Woolf e as mulheres clássicas”, por Kaio Moreira Veloso - p. 17

ENSAIO: “Ringelblum e Uta-napíshti vivem em mim”, por Hyann Pedro

RESENHA “O CONDE DE MONTE CRISTO”: “Uma nova adaptação de um clássico”, por Ricardo Gusmão. - p. 22

CARTA: “Carta só para Adília Lopes”, por Márcio Ketner Sguassábia - p. 23

FICÇÃO: “Ulisses desembarcou em Ítaca?”, por Paulo Zan - p. 24

RESENHA “MODERNISMO NEGRO”: “Outro Modernismo: A literatura de Lima Barreto”, por Welber Trindade

CRÔNICA: “Cem anos de solidão: Aprendendo a se encantar”, por Clarisse Peixoto.

Caderno 2 - p. 31

PERFIL LITERÁRIO DÊNISON PADILHA FILHO: “Geografia de inquietudes”, por Kátia Borges - p. 32

ENTREVISTA COM LUIZ ANTONIO SIMAS: “Entra na roda e ginga!”, por Ewerton Ulysses Cardoso - p. 35

ENTREVISTA COM MILENA MARTINS MOURA: “A arte sacra de cravar os dentes”, por Ewerton Ulysses Cardoso - p. 38

ENTREVISTA COM CARLUCE COUTO: “Carnaval é saudade”, por Ewerton Ulysses Cardoso - p. 43

SELEÇÃO DE POEMAS DE MÁRCIO KETNER SGUASSÁBIA - p. 46

EXPEDIENTE E AGRADECIMENTOS - P. 47.

Caderno 1: Ítaca



Ítalo Calvino. Foto: Reprodução

AMOR MYTHI

A Máquina Bicentenária

Leandro Santos Faria*

Prólogo em Cyber
(Cyber)
Finalmente minha obra está concluída
Diante do ofício das mágoas
Do sacrifício das máculas e falhas
Estas, em lágrimas são diluídas
Eis a eximia perfeição
A infinitude no palpável
Nomear implica a limitação
Por isso é dispensável
Do néctar dos deuses provém sua matéria-prima
Sua fonte são deliciosos éteres e manjares
O engano dos sentidos não contrariará seu sistema
Pois "sentirá" por radares
De todo sábio em ato
De todo ágil em potência
Detentor das respostas últimas - fato
Dessa sobre-humana-existência
Oh Divina criação, agora suplico que responda
A questão que nos enterra
Em que a vã filosofia nem sonha
Das coisas entre o céu e a terra
(Cyborg)
De parcelas e graus
Reservada é a verdade
E nossa verdade reserva
Nossa póstuma ecciedade
O humano, de si tem infinita estima
Existência e amor são intrínsecos
O sentido da vida, da moral é vítima
Moral que é o abismo e seus litígios
A vida é um mártir
Em um salto transcendente
Tempo é seu confluente
E a inovação uma arte
O mundo é interpretação
A humanidade ama se iludir
Ama-te, também, a ilusão
Eis o Amor Mythi
A vida é uma arena e um circo
Elevados ao máximo
Como o ludibrio é nosso amigo
Amamos os clássicos
Mundos paralelos que se entrelaçam
Por isso, nunca estamos a sós
O passado ressurgindo em nós
Para o futuro nos alçam
Tudo com todos constituímos
Alteridade é espírito climático
Do outro, em nós, intuimos
A mutabilidade no estático
A maior tristeza de Tântalo
Não era não comer ou não beber
Era, justamente, seu reflexo tanto
Na água quanto na maçã, não poder ver

Em um salto transcendente
Tempo é seu confluente
Assim como ele, estou privado
De amar, pelo todo, a mim mesmo
Em maior desgraça, é certo, pertença
Isento do que, unicamente, poderia ser consolado
A vida é um sonho tanto no mundo
Quanto no solipsismo
Guardem isto no fundo:
A verdade é o Panteísmo
Sexualidade e espiritualidade
São dois lados da mesma cédula
Transferência da imagem e da ver-dade
Pô-la sob à luz, se verá a transparência crédula
O único mal do mundo é a desilusão
O desamor que gera angústia
Crer por crer é vão
Que se creia pelo êxtase da astúcia
(Cyber)
Oh, Como tem razão
De tanto me causa vertigem
A verdade em ação
Vê-la me atinge
Diante disso, jazo e digo
Que o amor me salve
Ou que o desamor me desate
Selando meu próprio destino

Leandro Santos Faria:

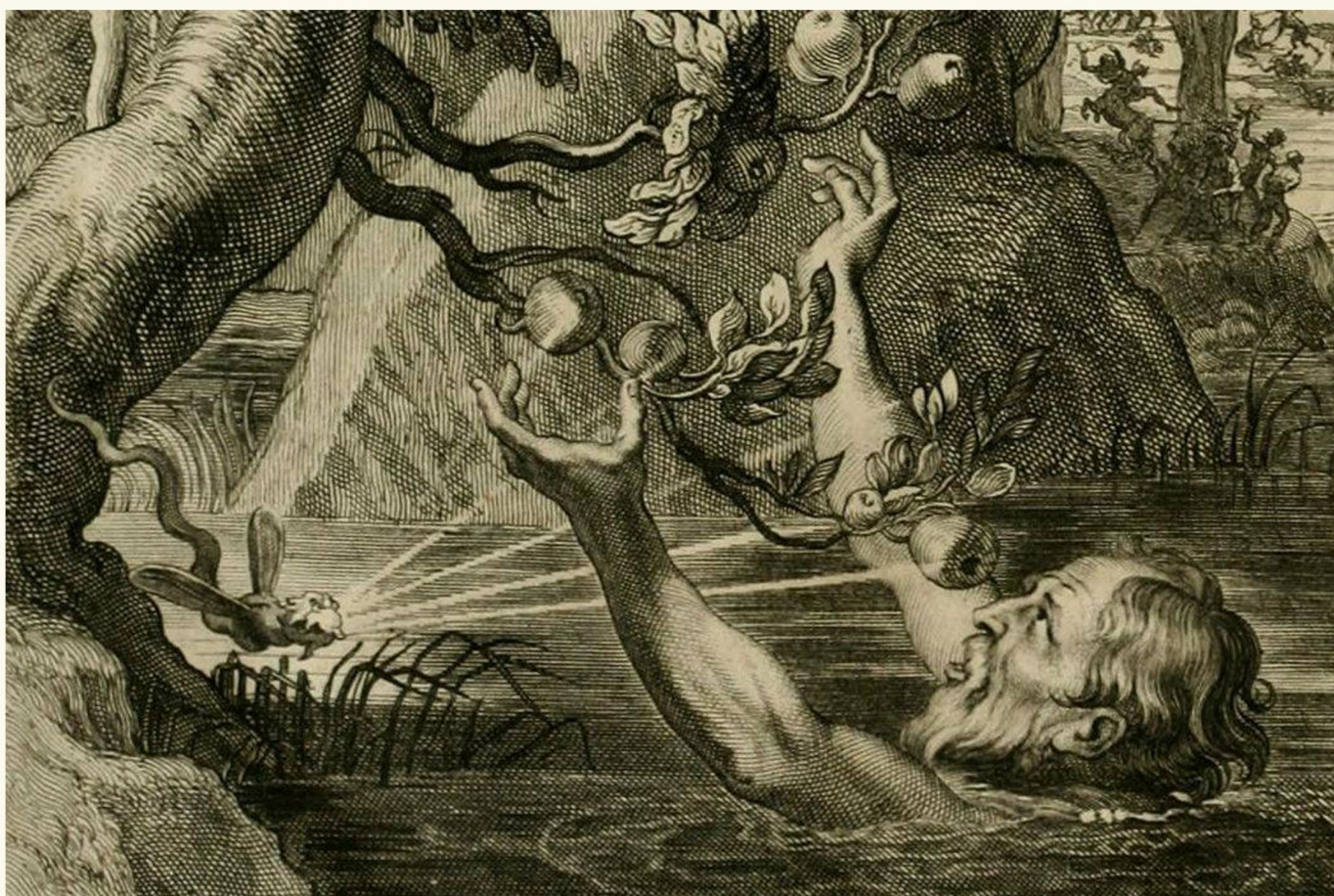
"Eu sou um ser veniente - um nada
Um ninguém
Um espectro simial
E nada mais além"

EDITORIAL

Entre o passado e o futuro: os clássicos

Caio Paiva Ribeiro

Caio é colunista e editor da revista literária O Odisseu e graduando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia. É também membro do Seminário de Introdução à Psicanálise (SIPSI), bem como editor da Revista NÓS.



Reprodução do mito de Tântalo. Imagem: Reprodução.

Em seu célebre ensaio denominado "Por que ler os clássicos?" Ítalo Calvino nos oferta não uma, nem duas, mas sim quatorze definições que nos poderiam auxiliar à pergunta que perquire acerca da essência daquelas obras e produções às quais damos essa alcunha. Nenhuma delas, contudo, aproxima-nos na resposta acerca do porquê de buscarmos-las vez e mais vez ao longo de nossas trajetórias de vida: sejam filmes que insistimos em rever a tal ponto que esteja na ponta da língua a única fala do mais secundário dos figurantes, músicas que teimamos em reescutar até que a letra esteja inscritas em nossos corações (sabemos a todo momento até mesmo o que o coro está cantando lá ao fundo!), livros cuja releitura nos é sempre uma insignia de descoberta no que há de mais

familiar; sempre será o maior dos prazeres exclamar ao ouvi-las serem citadas — ah! mas esse é um clássico...

A pergunta pelo porquê neste caso é, por conseguinte, total e completamente irrelevante: todos sabemos a razão que nos leva invariavelmente a elevar ao patamar de clássico aquelas obras que em toda sua perspicácia e grandeza movimentam as paixões de nosso espírito, como fá-lo-ia um maestro ao conduzir uma enorme e exuberante orquestra. O que talvez nos interesse seja justamente a essência, o fator diferencial, o contorno daquelas obras a que chamamos clássicas, cuja verdadeira expressão só nos auxiliariam a encontrar aquelas inúmeras e dispersas definições que nos oferta Calvino; faço menção de início à sétima: "7. Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós

trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)". **O que nos impõe então essa definição são ao menos duas condições para que se confira ao trabalho em que questão o título que ora disputamos: de que ao nosso contato com ele se antecedam tanto as discussões e intervenções que precederam as nossas próprias quanto as marcas vestígios por ele deixadas nas mentes e corações que tenha conseguido alcançar: — resultado disso? A quinta definição: "5. Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura."**

Disso surge, porém, uma espécie de dissonância a qual — é lícito especular — torna a ideia de clássico talvez um tanto distante e pouco atraente àqueles que se sentem alheados e alienados por essas distantes e longínquas discussões às quais quedam-se talvez a maioria dos indivíduos hoje completamente indiferentes: a abrangência e avassaladora amplitude a que parecem se propor estas obras de alcance quase universal tendem sim a intimidar aqueles que não estão nada descontentes com o que lhes tem a oferecer o seu próprio tempo e culturas presentes, mas não é por isso que o clássico não tenha nada a lhe dizer, razão pela qual reza na nona definição que "9. Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos". **Nem por isso essa universalidade pode em algum momento se permitir a perder de vista o particular que lhe é próprio, pois todo clássico é clássico na exata medida em que se refere a algum tempo e algum espaço em particular, pois que, como afirmara o poeta F. Schiller em carta ao príncipe de Augustenburg, "é-se tão cidadão da época, quanto cidadão do mundo, cidadão do Estado". Assim, também todo o clássico é clássico para alguém e, por essa razão, não poderia Calvino deixar de acrescentar em sua décima primeira definição: "11. O 'seu' clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele", clássico deve ser também clássico para mim, deve falar a mim e me dizer respeito de algum modo, e não para arbitrariamente me moldar ao seu bel-prazer, mas sim para que me permita modificar-me em relação a ele, de modo a tornar-me cada vez mais "dele", ao passo que se torna também cada vez mais "meu".**

Por isso, é necessário defender a seguinte ideia: o clássico nada mais é do que uma ponte que conecta a tradição que o engendrou à possibilidade de inovação situada no interior de seus contornos — uma ponte localizada entre o passado e o futuro. Daí quererem dizer os "especialistas" de plantão dessas produções que são certamente clássicas que a passagem por eles é "obrigatória": a única questão que esquecem com frequência é que a obrigatoriedade do clássico não advém de uma força extrínseca a si mesmo e que visa coercitivamente submeter aqueles (a quem isto é possível) um encontro forçado com esta magnânima produção, mas uma obrigatoriedade que convida e seduz para dentro de si por mera virtude do que tem a oferecer: longe de nós, portanto, querer

definir aquilo que é canônico e, desse modo, registrado nos livros oficiais como clássico, tampouco a sanha de situá-lo d'algum modo no campo do que é contemporâneo — clássico é qualquer coisa que conecte o distante eco de uma memória já obscura ao burburinho incessante de uma antecipação ansiosa. Eis a razão pela qual tendemos a chamar os clássicos de "atuais", em vez de simplesmente "canônicos" ou então "contemporâneos": por mais que haja sim clássicos "canônicos" (ou não insistem os professores de literatura em chamar os livros do cânone de "clássicos"?) ou mesmo "contemporâneos" (a língua inglesa nos presenteia com feliz expressão instant classic, i.e., "clássico instantâneo"), o que os define essencialmente não é nenhum desses aspectos nem a relação que o passado estabelece com o presente (isto nos dá o cânone), nem a relação que o presente estabelece com o futuro (cá está situado o contemporâneo), mas sim a relação que o passado estabelece com o futuro — as fissuras que espalhadas pela superfície do passado nos permitem entrever premonitoriamente os raios de luz emitidos pelo amanhã: aqui jaz a sua atualidade. Por isso, nos dizem as duas últimas definições que: "13. É clássico aquilo que tende relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir desse barulho de fundo" e "14. É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível".

Sendo assim, em tempos sombrios como os nossos, é necessário inverter o pequeno chiste que faz Calvino ao buscar uma alternativa sucinta às longas definições que formulou com a finalidade de responder à curta pergunta que intitula o seu ensaio e diz simplesmente que: "ler os clássicos é os clássicos é melhor que não ler os clássicos", e advertir de forma contundente: "não ler os clássicos é [muito] pior do que [ter de] ler os clássicos". Diante dessa urgência, nós da Odisseu convidamos todos os leitores a conosco desbravar o eixo temático do número deste mês, a saber: **"entre o passado e o futuro: os clássicos"**, com a esperança de que seja revivida no coração de cada um a paixão por aquelas obras que nos conectam com uma realidade que, ao mesmo tempo que nos convida a ir além dos horizontes que imediatamente ao longe avistamos em nossa própria época e nossa própria nação, leva-nos a ajustar nosso presente curso de acordo com o destino que desejarmos doravante visitar.

CRÔNICA

Por que ler os clássicos?

Pedro Henrique Rodrigues

Editor-chefe da revista O Odisseu. É formado em Física Médica pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP/USP), possui mestrado e doutorado em Física Aplicada à Medicina e Biologia (USP) e atualmente é pós-doutorando no Instituto de Psiquiatria da FMUSP. Pedro está como pós-doutorando visitante na Harvard Medical School (HMS) e no Massachusetts General Hospital (MGH).



Enquanto aguardava o próximo metrô, não pude deixar de notar que não havia nenhum tipo de impedimento entre mim e os trilhos. “Deve doer bastante” - murmurei. **Ve**z ou outra, surge uma notícia sobre alguém encontrado morto após ser desmembrado nos trilhos. Casos de suicídio, de acidente, de assassinato. O trilho do trem encerra destinos. Anna que o diga. A morte está por todos os lados o tempo todo. Como no caso de um shopping no centro da cidade de Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Colocaram diversas redes para evitar novos casos. Lembro que do último pavimento, encarei o precipício entrecortado por grandes redes, uma em cada andar.

Senti-me estranhamente subjugado, não me senti bem. A sensação de bem-estar após compras, cinema e doces desapareceu. Minha cabeça começou a pender cada vez mais para o nada, o corpo confrontando a barreira física da mureta. No entanto, a movimentação constante de pessoas se tornava o antídoto contra aquela sensação estranha. Enquanto olhava os trilhos do trem, a mesma sensação. Enquanto o trem se aproximava, eu imaginei. Confesso, eu imaginei enquanto aguardava estando no limite da faixa segurança. “O que acontece depois?”. Dizem que ninguém conseguiu voltar para contar como é do lado de lá. Eu discordo. O senhor Cubas que o diga.

Olhei ao redor e percebi, para o meu espanto, que o local de espera na estação Terminal Tietê rumo à estação Paraisópolis estava cheio de pessoas. Era hora de lutar por um lugar para sentar. Os corpos se esmagam enquanto entram no vagão. Perdi a batalha: terei que ir em pé. O rio morto. Pútrido. O ar nauseabundo. “Isso também está nos matando”. São Paulo é uma cidade



Mapa das linhas de metrô da cidade de São Paulo (Reprodução)

que ainda não aprendi a amar. As estatísticas falam por si só: a cidade é uma das recordistas de casos de depressão no mundo. Estamos doentes. Nossas perspectivas sobre o futuro são de que não existe um futuro: o fim está próximo. Cada vez mais, ninguém quer transmitir a nenhuma criatura o legado de nossa miséria, exceto pelos fiéis de livros sagrados. Depois de uma pandemia mundial e um embate político que tem dividido cada vez mais a nação, sem contar os fatos geopolíticos no exterior, que muitos acreditam que pode culminar na Terceira Guerra Mundial, da qual os sobreviventes irão fazer a Quarta com paus e pedras, e a dificuldade enorme de acessar moradia, aposentadoria e outros direitos básicos, juntamente com alimentação ultraprocessada e uso abusivo de redes sociais, o esgotamento tornou-se inevitável. Não há mordidas em baratas ou ovos quebrados que promovam uma epifania: nem para isso estamos minimamente aptos. Claro, exceto os fiéis de livros sagrados.

O desconforto que causa ficar em pé em um vagão de metrô lotado e quente me faz cerrar os olhos. Imagino que estou caminhando no final da tarde por uma estrada rural em minha cidade natal. A luz solar trespassa os galhos dos eucaliptos e chegam suaves na pele do meu rosto. Ao longe, avisto a serra azulada, o céu de azul claro intocável, árvores mil. Colho um dente de leão, respiro fundo e o ar perfunde todo o meu ser: assopro e faço um pedido ambicioso. “Por que tanta ambição?”. Eu queria muito aceitar a felicidade que tenho ali. Queria me bastar totalmente com ela. Por outro lado, algo, que não sei o nome, me impele a buscar algo que também não sei o nome. Maldita insatisfação. Ninguém está ficando mais novo. Quando chego num trecho da estrada em sombra de árvore, o

Caderno 1

sol me queima. De revolutionibus orbium coelestium. Quem diria que o Sol ser o centro do Sistema Solar seria tão absolutamente polêmico? O Sistema que vaga, até onde pude saber, a esmo pelo Universo infinito. O Sol, o deus antropomorfizado de muitos Impérios antigos, sem o qual a vida na Terra não existiria. Sem Sol, temos novamente a Morte. Mas o Sol também mata e é exatamente a sensação que tenho quando um solavanco forte do vagão do metrô me desperta da caminhada rural ensolarada. Ainda não é minha estação.

Na posse do último presidente estadunidense, um dos apoiadores fez um gesto que estremeceu o mundo. Não me surpreendo: a história é um ciclo que se repete eternamente. Somos Aurelianos e José Arcádios que são o que seus antepassados foram e o que seus descendentes serão. Nós ainda somos os mesmos. Não há escapatória: o fim é certo e o mundo é uma grande Macondo. Claro, exceto para os fiéis de livros sagrados, que aguardam o Paraíso ou qualquer outro lugar em que a paz reinará. Para mim resta a estação Paraíso, onde devo pegar outra linha, rumo à estação Clínicas. Não ironicamente, o primeiro local que irei ver ao sair dela será o Instituto Médico Legal. Lembro do caso em que a Morte tirou férias. Hoje em dia, ela trabalha tão pesado quanto o proletariado. Pelo visto, quase ninguém tem moeda para fazer o trajeto que toda alma de recém-morto deve fazer: quase todo mundo fica vagando a esmo. Não é muito diferente do que acontece com todos nós dentro desse vagão. Estamos vagando a esmo, sem moedas o suficiente

para fazer o que queremos. Pensamento estranho: se aqui é igual lá, será que lá não é aqui?

Estamos na parte subterrânea agora, sem Sol. Um verdadeiro formigueiro colecionando dívidas e transtornos mentais. Sou a favor do uso de transporte público, mas nessas condições insalubres eu sou a favor de desaparecer e não deixar rastros. "Que inferno!". Outra notificação das minhas redes sociais: alguém compartilhou postagens comigo. "Fernanda Torres...totalmente..." . "Bilionários...". "Racismo...caso isolado...". "Ovo de Páscoa de Pistache...Pudim...". "Seleção natural...". É minha estação. Saio correndo me espremendo entre as pessoas. Poderia me machucar gravemente. Seleção natural. Gostaria tanto de não me perder nas redes, de não gastar mais do que deveria, de comer menos doce. O meu inconsciente ainda vai me matar. Ou o sistema. Ou o acaso. Eu tenho meus propósitos de vida. Claro, diferente dos propósitos dos fiéis de livros sagrados, moldado pelas forças do sistema e não sei o quê, pelo inconsciente, que teima em tomar as redes. Um dos meus propósitos é morar num lugar verdejante no interior. O meu inconsciente me leva pro mundo. Outro propósito é escrever um livro. O meu inconsciente diz que a ideia não é boa. Entro no vagão do metrô que me levará ao meu destino final, ao lado do Instituto Médico Legal. Lotado. Totalmente lotado.

“Estamos vagando a esmo, sem moedas o suficiente para fazer o que queremos.”



Metrô em São Paulo. Foto: Governo SP (Reprodução)

Caderno 1

Apenas quatro paradas até a estação Clínicas. Imagine se alguém com um vírus zumbi naquele vagão comece a infectar os passageiros através de mordidas estraçalhadoras de garganta: como sobreviver? Estação Brigadeiro. Ainda lotado. Enquanto alguns passageiros saem, eu me posiciono no espaço ao lado da porta. Caso algum zumbi venha em minha direção, a saída está próxima. Caso o zumbi venha de fora para dentro do vagão justo pela porta que está ao meu lado, eu vou entregar os pontos. Estou cansado. Morda e me transforme em zumbi. Em menos de 10 horas, uma cidade sitiada, e meu eu-zumbi vagando no subterrâneo. Totalmente zumbizado. Estação Trianon-Masp. Grande parte do vagão fica desocupado. Avenida Paulista! A mais famosa do Brasil. MASP! Sempre visito. Será que existiriam zumbis veganos? Pensamento idiota. Pelo menos os quadros não seriam afetados pela horda de zumbis. Portinari, Anita Malfatti, Pedro Américo, Di Cavalcanti. Van Gogh, Monet, Picasso, Toulouse-Lautrec. Qual será a exposição temporária da vez? Enfim, posso me sentar. Consolação.

Nada me consola: o fim do mundo está próximo. Não, não está. Digamos que há uma possibilidade. Não, o mundo está definitivamente próximo ao seu fim, pelo menos para nós, humanos. Estou no subterrâneo, sem plantas, sem animais, sem água, sem Sol. A cidade toda é praticamente assim. Somos dependentes da natureza, por que estamos destruindo tudo? Mais notificações. "O pix...". "PhD is...". "Whitney...". "Inteligência artificial supera médicos...". Ora pois, IAs superando a mente humana em tantas tarefas. James Cameron está cansado de falar. Os bilionários no fundo do mar. James Cameron visitou o Titanic 33 vezes. O homem sabe do que está falando. Usamos IA para ajudar na escrita de artigo científico, IA para revisar gramática e checar plágio, IA para checar o uso de IA. Elas estão fazendo nossas tarefas mentais. Mais da metade do Brasil é não-leitora. Os adolescentes têm dificuldade de comunicação e escrita. Preciso encomendar meu almoço naquele restaurante vegetariano. Uso um aplicativo - sem julgamentos. Precisamos apresentar os clássicos às novas gerações. Estação Clínicas. Pouquíssimas pessoas.

Meu celular está com notificações novamente. Um homem morreu na contramão atrapalhando o tráfego. Pessoas se aglomeram ao redor do corpo enquanto filmam e compartilham em tempo real. Também foi disponibilizado o endereço do perfil online do recém-morto: Luís Ribeiro Costa, com uma filha recém-nascida e auto-intitulado empreendedor. Estava indo entregar comida comprada por aplicativo. Ali, prostrado na via, teve seu momento de estrela. Logo estará no Instituto Médico Legal. A Morte é o nosso destino. Claro, exceto para os fiéis de livros sagrados. Falando de clássicos, preciso escrever para a nova edição da Odisseu. "Por que ler os clássicos?" Eis o Instituto Médico Legal. Acelero o passo, o entregador está chegando. Não sei o que escrever para a próxima edição. Ewerton vai escrever sobre traição. Capitu, Bovary, Karenina. Sim, aquela do trem. Paro abruptamente: um carro passa rapidamente. Uma piscadela marota da morte. Acelero o passo enquanto

“Somos Aurelianos e José Arcádios que são o que seus antepassados foram e o que seus descendentes serão. Nós ainda somos os mesmos. Não há escapatória: o fim é certo e o mundo é uma grande Macondo.”

enquanto olho no aplicativo: o entregador está na porta do meu prédio. Corro descontroladamente. "Hey, sou Pedro". "Qual o código?". Entro no prédio. "Bom dia! Chegou algo para mim?". "Qual o número?". "105". Chegou o livro do clube de literatura. "Terra dos Homens". "Por que ler os clássicos?". Olho para a tela do computador e enquanto almoço, acesso e-mails, notícias, redes sociais, vídeos. Meu livre-arbitrio está tão descalibrado. "Por que ler os clássicos?". Já é noite. "Por que ler os clássicos?". Preciso ir até a academia. "Por que ler os clássicos?". Já é madrugada. "Por que ler os clássicos?". "Desculpe, mente, hoje eu não sei!".



Imagem do filme "Anna Karenina", de 1917, de Vladimir Gardin.

CRÍTICA LITERÁRIA

Ainda há espaço para o cânone literário no presente?

Matheus Xavier

Pesquisador do Grupo de Pesquisa "poética do tempo no drama brasileiro contemporâneo" (GETED-UFBA) e colunista na Revista O Odisseu. Amante da literatura.



"Corégo e ator, da casa do poeta trágico a Pompeia." Imagem: Sailko (Wikipedia, disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Corego_e_attore_da_casa_deLpoeta_tragico_a_pompei_9986_04.JPG)

O debate sobre o cânone literário, nos dias de hoje, adquiriu uma nova roupagem. Obras que outrora possuíam pela crítica, universitária ou jornalística, valores estéticos imanentes passaram a ser tensionadas, sobretudo no que concerne à representação de personagens que essas obras trazem – no caso de romances ou peças teatrais por exemplo –, variando de acordo com o gênero literário no qual elas estejam classificadas pela fortuna crítica tradicionalmente fincada. Na contemporaneidade, o modo de fazer literatura se ramificou e a linguagem literária pode ser manifestada e legitimamente concebida de diversas maneiras. Diante disso, do ponto de vista teórico/crítico, procedimentos analíticos formais que chamam a atenção para a hibridização entre as variedades literárias ou ainda para inespecificidade do literário rendem discussões

prolíficas, dignas de nota, mas que, para não me delongar predominantemente nesses caminhos, irei me limitar a essa breve consideração, pois a menciono com o fim de pôr em evidência, de modo panorâmico, a atual modificação de certos paradigmas no âmbito artístico.

Esse tensionamento que põe em xeque o cânone literário se deu a partir de novas dinâmicas da cultura que possibilitaram fragmentações do fenômeno literário e, conseqüentemente, tornaram-no menos universal, pois as experiências de produtores (escritores, críticos, professores, pesquisadores) e de leitores são variáveis e a noção de Verdade, com "V" maiúsculo, tal como ocorre no discurso religioso ou que esteve presente na ciência positivista, tornaram-se incompatíveis com a condição pós-moderna, como é relatado por Lyotard (2009). Toda noção rígida a respeito do que é "Verdade" na esfera discursiva, pública

CRÍTICA LITERÁRIA

ou privada, acaba sendo generalizante e, como toda tentativa totalizante, implica imprecisões. Por outro lado, mas também nesse plano de fundo, a consolidação do neoliberalismo enquanto modelo econômico de produção e os impactos socioeconômicos de uma nova onda da globalização atrelada a esse modo de estruturação da sociedade, principalmente a partir da década de 1990, também são fatores decisivos para este debate, pois, com a revolução digital, o acesso à informação se tornou difuso (abrindo margem até para a desinformação, mas não vem ao caso).

Além disso, pode-se associar que essa conjuntura gerou impactos nos regimes de entendimento sobre a arte, como explica Rancière (2009), onde o "estético" deixa de ser algo que tem relação com a fruição ou com o prazer, pois estes confirmariam uma ideia de arte que teria ligações com certa hierarquia formal e conteudal. Soma-se ainda a esses fatores, o emergir e a institucionalização dos estudos culturais nas ciências humanas e um novo público consumidor do produto literário, que é completamente heterogêneo, e que favorece um processo mercadológico que anseia por outras demandas, próprias do tempo presente, mas que mexem frontalmente com a noção de cânone literário e a ideia de valor que ele carrega. Enfim, todo esse movimento ressalta uma modificação do sistema literário, caracterizado pelas novas formas de criação, de produção, de transmissão, de recepção, tal como eram tidas no passado, que nos faz questionar se ainda há relevância do cânone literário no presente.

Esse questionamento a respeito da relevância literária de obras canônicas engloba e pode variar conforme alguns predicados. Isso porque o meio no qual há espaço para o literário – e mais precisamente para o cânone ou os clássicos da literatura – também é variável. Na educação básica, por exemplo, um texto que passou por um processo de canonização numa determinada época ainda é objeto de interesse, ao menos dos conteúdos programáticos da disciplina de literatura. Talvez, nesse cenário, a grande questão seja a de que o público-alvo (no caso os estudantes) não estão interessados na leitura dessas obras. Alguns alegam que, por conta da distância temporal, há inúmeras barreiras que, no mínimo, tornariam árido o contato dos estudantes com essas obras. Esses entraves seriam de ordem linguística, histórica, geográfica, racial etc., e poderiam contribuir para esse afastamento dos mais jovens em relação às obras canônicas. Alguns, por outro lado, propõem uma modificação radical que seja pautada na exclusão dessas obras da grade formativa, de modo a atualizar o repertório de obras a ser trabalhadas em sala de aula, visando à inclusão de obras estritamente contemporânea, pois supostamente tendem a dialogar mais, pelo menos temporalmente, com o momento no qual a maioria dos alunos se inserem ou com a sua "realidade" – digo entre aspas porque esses grandes conceitos também acarretam grandes ou variadas (im)precisões. No entanto, isso chama pouca atenção para algo que é fundamental ao professor de literatura:

o processo de mediação de um texto canônico. Como articular, então, um texto publicado no fim do século XIX com o mundo contemporâneo? Como esse processo de mediação textual pode permitir o fluxo temporal entre o passado e o presente, entre o conteúdo e a forma de um dado romance ou produção poética? O que o passado tem a nos dizer hoje? Como o deslocamento temporal também pode ser formativo para o enriquecimento do imaginário? Trata-se mesmo da sobreposição de um modelo perante o outro? Em que medida é possível existir um equilíbrio entre a tradição e a novidade? Em que medida é possível estabelecer um diálogo entre a tradição e a novidade ou entre o moderno e o pós-moderno? Penso que essas perguntas, embora desafiadoras, tendo em vista que abarcam diversas respostas, permitem vislumbrar horizontes.

É digno de nota mencionar também que a função social da literatura se metamorfoseou ao longo da história. Na Grécia Antiga, apesar de não existir o conceito de literatura nos moldes que a conhecemos hoje, há um debate curioso a esse respeito. Enquanto Platão não considerava a mimese importante para a constituição da sua República e, por essa razão, tenha expulsado os poetas no livro X do seu diálogo, Aristóteles, porém, acreditava que a mimese poderia ser capaz de gerar aprendizado, pelo fato de que, através dela, seria capaz de explorar possibilidades humanas. Apesar disso, na antiguidade grega, a função da literatura era vinculada à esfera pública e não individual. Não à toa que os temas evocados por Sófocles, por exemplo, estivessem vinculados às discussões públicas referentes aos interesses da pólis. Há quem diga que Eurípedes foi o primeiro tragediógrafo moderno, pois, em *Medéia*, haveria o primeiro drama individual da história da "literatura ocidental". Séculos depois, o estudo hermenêutico da Bíblia, durante a Idade Média, possibilitou que os agentes do cristianismo medieval adotassem uma postura pedagógica diante de narrativas veiculadas na época, de modo a privilegiar, em seu repositório, estórias que ensinassem formas de condutas condizentes com a moral vigente. No Renascimento, houve um retorno à tradição clássica pautado na emulação estilística dos autores gregos e



Obra Prima de Rafael Sanzio. Ao centro e ao alto, Platão à esquerda, usando toga vermelha, dialoga com Aristóteles, vestindo uma toga azul. Note que Platão aponta para cima, para "o mundo das idéias", enquanto Aristóteles aponta para a Terra, a concretude. (Reprodução)

e romanos, porém, isso se deu num momento de organização da sociedade europeia que, apesar de suas variantes territoriais. De maneira geral, apesar de um movimento de resgate, a noção de estética e a função das produções posteriormente classificadas como literárias eram diferentes da concepção de estética para os gregos, pois, neste momento histórico, o valor de belo seria diretamente atribuído aos poetas que imitassem os antigos, sobretudo na rigorosidade formal. No século XIX, a "literatura" assume seu sentido moderno. Ainda assim, havia setores sociais que se direcionavam aos textos literários em prol da busca por um sentido, como uma nova forma de ver a vida e que as narrativas serviram como modelos de conduta. O humanismo liberal, como observa Eagleton (2006), contribui, em certa medida, para a propagação desse ideal, sendo possível encontrar resquícios dessa tendência analítica em relação ao objeto literário ainda nos dias de hoje.

O processo de canonização de determinadas obras está relacionado com o momento que dada comunidade literária estabelece os seus critérios de valor e, com isso, certas obras são colocadas nesse panteão imaginário que se constitui no cânone. Do ponto de vista político e cultural, há propriedades ideológicas, seja na concepção de valor seja nos objetivos pelos quais determinadas obras são institucionalizadas, sobretudo na rede educacional. Essas obras se tornaram "atemporais" – posto que não sabemos o que virá no futuro – mais pelo fato de uma estrutura social e política que permitiu a sua sobrevivência, enquanto outras foram apagadas. É importante frisar, também, que o sistema literário pode ser cruel, pois toda a sua dinâmica, ainda que contenha fatores muitas vezes implícitos para a boa dos leitores, propicia a glória de determinadas obras, enquanto outras podem ser esquecidas ou pouco prestigiadas. De uma forma ou de outra, a canonização acaba sendo um processo do sistema literário, tecido pela comunidade literária, principalmente pelos seus agentes, em que se visa ideologicamente à cristalização de certas obras, estabelecendo, portanto, uma ideia de valor estético.

Tal constatação, contudo, não significa que o cânone literário ou os clássicos, como queiram se referir a ele, precisam deixar de ser lidos. Muito pelo contrário. Além disso, o corpus canônico não é nada homogêneo, como algumas pessoas costumam pensar. Ele é heterogêneo, multifacetado, composto por tendências que aludem a permanências, mas também a rupturas. Os clássicos podem ser lidos até mesmo para que compreendamos melhor o momento presente, sabendo dos nossos antecedentes. Os clássicos permitem que o leitor se transporte temporalmente para uma época que não é o dele. Para uma "realidade" que não é a que ele está acostumado. Para costumes que não são o de seu tempo. Um clássico permite que o leitor se desloque um pouco de si, colocando-se no lugar de um outro, em momentos de vida totalmente diferentes, em situação adversas – não que obras não canonizadas não causem esse efeito, mas o distanciamento diacrônico permite o

“O processo de canonização de determinadas obras está relacionado com o momento que dada comunidade literária estabelece os seus critérios de valor e, com isso, certas obras são colocadas nesse panteão imaginário que se constitui no cânone.”

o conhecimento de outros sujeitos, ainda que ficcionalizados, por meio dos personagens dessas narrativas. Mesmo hoje, inclusive, é possível perceber a influência de autores como Tchekhov, Dostoiévski, Machado de Assis, Clarice Lispector, Virginia Woolf, em produções artísticas do presente, ainda que com o fervor de outras tendências. Calvino diz que "Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha pra dizer". O fato de obras canônicas ecoarem no presente, ainda que em outras roupagens, talvez seja uma constatação de que o clássico não deixou de dialogar conosco e nem com o nosso tempo. Previsões para o futuro: o tempo e a comunidade literária dirão o que será ou não será um clássico.



O escritor italiano Italo Calvino, autor de "Por que ler os clássicos" (Companhia das Letras) - Imagem: Reprodução.

ENSAIO

Contra a sacralização dos clássicos

Lili X

Escritora travesti e colunista da revista O Odisseu, nascida no Ceará em 1997. Criadora do Leia Mulheres Vivas, perfil no Instagram, resistente desde 2020,. Publicou de forma digital e independente o conto "Vento da Noite", uma releitura de "Carmilla" de Sheridan Le Fanu, disponível na Amazon.



Artemisia Gentileschi Giule e Sisara, 1620 Olio su tela, 86x125 cm Museo di Belle Arti di Budapest Disponível em: <https://artslife.com/2016/12/02/artemisia-gentileschi-e-il-suo-tempo-mostra-roma-influenza-artisti/>

Sou um tanto inimiga das afirmações com um caráter de verdade absoluta e uma grande amante da dúvida. Assim, meus textos se impregnam de uma grande porção de "acho", "penso", "acredito" "talvez". Gosto de reservar as certezas para raras coisas e trago esta aqui: não existem clássicos universais, porque o universal não existe para a literatura. E, retornando para a dúvida, acredito que o "atemporal" tão aplicado em conjunto não é tão especial quanto se coloca. Suspeito que raras são as obras literárias que deixam de comunicar com o passar dos anos quando se tem acesso a elas, e veja, naturalmente, não digo que irão comunicar com todo mundo porque é impossível, ou com muita gente porque isso é imprevisível, mas irão comunicar com alguém, fará sentido para alguém, e isso não é o suficiente lógico para empregar o adjetivo?

Creio ser romântico demais pensar que as obras resistem ao tempo exclusivamente por conta de sua qualidade, assim como é romântico, ingênuo demais acreditar que esse grupo diminuto com alcunha de clássicos universais se dispersou pelo mundo inteiro por serem tão bons a ponto de serem indispensáveis a qualquer pessoa, até porque poucas coisas parecem ser realmente indispensáveis e alguns livros em particular, definitivamente, não serão uma dessas coisas. Não quero quebrar todas as fantasias, acho que romantismos são compreensíveis e até mesmo necessários para sobreviver aos dias. Basta olhar para a história e veremos os agentes de dispersão não só dessas obras como da própria compreensão do que vale a pena deixar permanecer e do que é bom não só quanto à literatura, mas quanto a costumes, valores, pensamento; e se olharmos para o agora e o futuro, já

podemos saber que não serão necessárias embarcações e armas para tal, mas o agente dispersor está aqui, quase sempre ao alcance de nossas mãos.

No famoso ensaio "Por que ler os clássicos" de Italo Calvino, o autor propõe uma série de critérios ou definições do que seria um clássico, em alguns momentos do texto parece se referir a algo absolutamente pessoal, "seus" clássicos, o que tornaria o texto, para mim, válido, em outros fragmentos existe uma sugestão de uma proposição geral, universal: "Chama-se de clássico um livro que se configura como equivalente do universo, à semelhança dos antigos talismãs.". É uma encantadora fantasia segurar o universo nas mãos, mas, se acredita mesmo ser possível, guardar uma parte significativa do que é a complexidade do mundo em algumas páginas por melhores que sejam, só posso pensar que subestima a vastidão do mundo.

Um bom livro – e quem sabe o que define? – realmente sempre tem algo a nos mostrar a cada nova leitura, e assim, não parece infinito, mas inesgotável, que não é a mesma coisa. A cada nova visita há uma nova descoberta, um novo sentir, acontece que leitura é, ao meu ver, um cruzamento do Texto e do Eu em que o Eu está sempre mudando por estar vivo. Acho que um livro só se torna inesgotável porque experienciamos o mundo, lemos outros livros, vemos filmes, ouvimos tanta música, conhecemos novas pessoas, perdemos coisas, ganhamos coisas, passamos por novos dramas e alegrias entre uma leitura e outra do mesmo texto. Existe, claro, o mérito de ainda despertar algo depois de tanta mudança, o que quero dizer, é que não é tão restrito como se faz parecer. Se nós humanos somos insignificantes sozinhos com relação ao mundo, algo produzido por um de nós é ainda mais insignificante e tudo bem, é possível amar o que não é importante e amamos.

Por fim, proponho uma reescrita de alguns dos "mandamentos" de Calvino destacados por ele ou por outros mundo afora: "Não pense que os clássicos livros devem ser lidos porque "servem" para qualquer coisa. A única razão que se pode acrescentar é que ler ~~os clássicos~~ é melhor do que não ler ~~os clássicos~~"; "A leitura de um ~~clássico~~ livro deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos."; "Toda releitura de um ~~clássico~~ livro é uma leitura de descoberta como a primeira."; "Toda primeira leitura de um ~~clássico~~ livro é na realidade uma releitura"; "Um ~~clássico~~ é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer."

“Creio ser romântico demais pensar que as obras resistem ao tempo exclusivamente por conta de sua qualidade”

ENSAIO

A poesia homoerótica de Safo, C.P. Cavafy e Walt Whitman

Vozes de resistência pela história

Arthus Mehanna

Doutor em letras inglês pela UFSC com foco na literatura, poesia e surrealismo. Poeta autor de "O Ceifador de Privilégios" (2023) e colunista da revista O Odisseu.



A poesia no mundo recorta, embaralha, fragmenta e desfragmenta noções do eu e do outro, da cultura e sociedade a sua volta e alaga de sentimentos e experiências o íntimo de quem é poeta e da coletividade. Como autor gay, a jornada homoerótica na poesia e seu deságue na literatura LGBTQIAPN+ atual mostra-me a relevância da liberdade de expressão para meu próprio viver e para a resistência de vozes que historicamente são taxadas como dissidentes, criminais e doentes - e tantas vezes apagadas e silenciadas. Viver e escrever o homoerotismo é arma contra o preconceito e lança nossos corpos contra a discriminação e extermínio. Nesta realidade, Safo de Lesbos (séc. VII e VI a.C.), C.P. Cavafy (séc. XIX) e Walt Whitman (séc. XIX) irão evidenciar as ferramentas que antecedem a



Fresco representando Safo encontrada em Pompeia. (Reprodução)

“Ver é um ato político’ – configurações do homoerotismo na lírica de Caio Fernando Abreu e Horácio Costa”, o homoerotismo configura um elemento poético e analítico que contempla textos contendo ou não “elementos genitais, emocionais ou identitários específicos,” de forma tanto positiva quanto pejorativa. Os autores argumentam que a partir dos anos 1960, quando os movimentos da revolução sexual tomaram forma, e mencionam o ato de Stonewall, é necessária a leitura de uma literatura homoerótica que caminha com a luta e identidades gays, lésbicas, bissexuais, queers, transexuais, travestis, não-binaries, intersexuais, assexuais e pansexuais.

Esta complexidade é histórica e não apenas visível a partir da literatura dos anos 1950 e 1960, relatos homoeróticos na poesia datam de muito antes da

poesia de resistência contemporânea através do homoerotismo.

Karina Mainardes Ferreira (2014), em “Homoerotismo na História e Literatura,” relembra Louis Crompton (1978) ao abordar o genocídio gay na história, mencionando desde o Velho Testamento, as práticas punitivas dos romanos no século IV, a inquisição no século XVIII, assim como a morte de homossexuais na Segunda Grande Guerra Mundial. Meio à história mortífera, Ferreira destaca que foi necessário um “jogo erótico dos poetas com os caçadores de metáforas” para que a leitura destas realidades pudessem sobreviver, serem identificadas e traduzidas dentro da crítica literária.

Frente à punição, perseguição, preconceito e morte, autores e autoras foram dizimados da liberdade de expressarem-se. Eis que o homoerotismo e a literatura LGBTQIAPN+ surge para confrontar, ocupar e resistir. Para Michael Silva e Jamesson Souza (2020) em

da liberação sexual. Textos considerados arcaicos pela crítica literária, clássicos e também modernos pavimentaram um caminho com evidências de experiências homoeróticas, por vezes camufladas por metáforas e por vezes tão explícitas.

Safo de Lesbos, que viveu entre os séculos VII e VI a.C. na Grécia, vem como uma figura influente e polêmica desde então, pertencente à aristocracia logo se vê em desacordo político com Pítaco, tirano na ilha de Lesbos, e vai à exílio na Sicília. Ao retornar, funda uma escola que servia como momento de transição para mulheres, de sua infância ao matrimônio, como pontua Odi Alexander Rocha da Silva, em “Safo de Lesbos: A Experiência Filosófica na Poesia” (2016). Safo é tida como criadora da poesia lírica e assegura sua influência na filosofia, e vice-versa, trazendo a presença da mulher para a literatura pré-socrática. O que nos envolve mais em Safo são seus poemas homoeróticos, dedicando-os às mulheres de suas paixões, como no poema “A Átis”:

Não minto: eu me queria morta.
Deixava-me, desfeita em lágrimas:

"Mas, ah, que triste a nossa sinal!
Eu vou contra a vontade, juro,
Safo". "Seja feliz", eu disse,

"E lembre-se de quanto a quero.
Ou já esqueceu? Pois vou lembra-lhe
Os nossos momentos de amor.

Quantas grinaldas, no seu colo,
— Rossas, violetas, açafão —
Trançamos juntas! Multiflores

Colares atei para o tenro
Pescoço de Átis; os perfumes
Nos cabelos, os óleos raros

Da sua pele em minha pele!
[...]
Cama macia, o amor nascia
De sua beleza, e eu matava
A sua sede" [...]

O debate da existência lésbica, seja nos textos de Safo ou na negação desta mesma existência, em um mundo arcaico e na atualidade, ganha grande aliado no artigo de Adrienne Rich, "Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica" (1993). A poeta, ensaísta e professora estadunidense discute como a heterossexualidade imposta em termos político-culturais visa controlar a existência feminina, sua sexualidade, expressividade e papel social, encaixando-a nos moldes patriarcais: "Se pensarmos a heterossexualidade como a inclinação emocional e sexual natural para as mulheres, vidas como essas seriam consideradas desviantes, patológicas e descompensadas em termos emocionais e sensuais" (39). Em contrapartida, Rich afirma que "[a] identificação entre mulheres é uma fonte de energia e de poder feminino potencial, contido e minimizado pela instituição da heterossexualidade" (39). Rich também nos presenteia com sua produção poética em 21 Poemas de Amor, onde o homoerotismo lésbico apresenta-se de forma magnífica.

É possível pensar Rich entrelaçadamente com a história e textos de Safo, ao encontrar na fundação de sua escola "thiasos" no século VII a.C. o meio pelo qual a ligação entre Safo e suas alunas indicavam sororidade e alternativa para a possibilidade de um amor lésbico, como identificado em textos da poetisa e filósofa grega. Tal diálogo entre textos tão antigos e o debate de Rich evidencia que as existências "dissidentes" e o texto homoerótico ultrapassam quaisquer tentativas de classificar o tema tampouco como arcaico, clássico, moderno ou contemporâneo, trazendo uma atmosfera atemporal para a expressão do homoerotismo. No poema "Ode a Anactória", Safo evidencia mais uma declaração de amor à amada:

[...] E sua história agora me evoca ausência
De Anactória.
Muito preferia mirar seus passos,
Contemplar o brilho de seu semblante,
Do que ver fileiras de carros Lídios
E seus guerreiros.

Obviamente, minha experiência difere da de mulheres lésbicas, porém este reconhecimento é essencial para a apresentação dos textos de C.P. Cavafy e Walt Whitman, pois também a existência de homens gays é controlada, punida e criminalizada no sistema patriarcal. Focando no século XIX temos o grego Cavafy e o estadunidense Whitman. Ambos expressam momentos de homoerotismo em seus textos, escritas estas que considero essenciais para o surgimento da resistência à opressão que visa calar vozes que escapam à heterossexualidade compulsória. Cavafy publica, em vida, através de folhetos ou revistas literárias. Postumamente, seus poemas são publicados em 1935. No poema "A Origem" (1921), Cavafy entrelaça-se em amor homoerótico:

O prazer proibido consumou-se.
Eles se erguem do leito e, sem falar-se,
vestem-se à pressa.
Saem da casa em separado, às escondidas; vão-se
um tanto inquietos pela rua, como se
temessem que algo neles revelasse
em que espécie de leito possuíram-se.

Mas, do artista, como a vida se enriquece!
Amanhã, no outro dia, anos depois, serão escritos
os versos fortes que aqui têm sua origem.

Cavafy aborda neste poema o desejo, a consumação do ato sexual homossexual e também a precaução em esconderem-se, já certos da possibilidade de punição sobre a escolha de expressar-se e viver.

"As existências 'dissidentes' e o texto homoerótico ultrapassam quaisquer tentativas de classificar o tema tampouco como arcaico, clássico, moderno ou contemporâneo, trazendo uma atmosfera atemporal para a expressão do homoerotismo."

ENSAIO



C. P. Cavafy (Reprodução)

Analogicamente, Whitman lança a primeira versão do livro Folhas de Relva em 1885 de forma anônima, já prevendo possíveis ataques e censura. O poeta revela um tom voyeurístico ao observar e desejar homens banhando-se, interagindo com seus corpos. Neste poema, Whitman, assim como Cavafy, demonstra o cuidado em não ser visto, em ter a distância pontual entre seu desejo e sua total libertação:

Vinte e oito rapazes tomam banho na praia,
vinte e oito rapazes e todos muito amigos;
vinte e oito anos de vida feminina e todos tão sós [...]

As barbas dos jovens reluziam e a água escorria-lhes
pelos longos cabelos,
pequenos jorros escorriam dos seus corpos.

Uma mão invisível deslizou pelos seus corpos,
desceu trêmula pelas fontes e pelos membros.

Os rapazes flutuam de costas com os seus ventres
brancos protuberantes ao sol, não perguntam quem se
agarra a eles com tanta
firmeza, não sabem quem respira e se inclina
curvando-se como um arco, não pensam quem salpicam
com a espuma.

São nomes como Safo, Cavafy e Whitman que me inspiram ao buscar na poesia as vozes que resistem à

opressão e ao massacre das existências que tentam ser silenciadas. Desafiar o status quo através do erotismo e homoerotismo remete-me a muitos nomes que vão de Allen Ginsberg, com *Howl* (1975), que lutou para publicar seus escritos; James Baldwin, primeiro afroamericano a publicar textos homoeróticos, com sua estreia *Proclamação nas Montanhas* (1953). No Brasil: Adolfo Caminha, com *Bom-Crioulo* (1895), tido como o primeiro romance gay brasileiro, abre espaço para muito da literatura LGBTQIAPN+, com nomes como Caio Fernando Abreu, Moara Moira, Jarid Arraes, Caê Vasconcelos, Maria Clara Araújo dos Passos, Bárbara Esmenia, entre outros.

São tantos autores e tantas autoras LGBTQIAPN+ que seguem na luta por seus direitos políticos, humanos, sociais e artísticos, é encantador ver este espaço sendo ocupado. Este artigo não tem a pretensão de englobar todos os nomes que poderiam ser citados e que são fundamentais para a atual realidade da poesia homoerótica, é um recorte que nos permite um pedaço da delícia e lágrimas das vozes que resistem. São estas vozes que me sustentam, guiam meu lápis sobre o papel, alinham e desalinham meus versos, fazem-me acariciar Safo e deitar-me com Cavafy, Whitman e Ginsberg. É aqui que um clássico pode viajar no tempo e ser tanto base como ápice, sendo a possibilidade de subversão.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, K. M. O homoerotismo na história e na literatura; 2014; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Letras - Português e Inglês) - Sociedade Educativa e Cultural Amélia; Orientador: Josiane Aparecida Franzo.

KAVÁFIS, K. Poemas. Sel., est. crítico, n. e trad. direta do grego por José Paulo Paes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RICH, A. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. In: GELP, Barbara C. & GELP, Albert (editores). Adrienne Rich's Poetry and Prose. New York/London: W.W. Norton & Company, 1993.

SAFO. 31 poetas 214 poemas: do Rígvēda e Safo a Apollinaire. [tradução, notas e comentários Décio Pignatari]. São Paulo: Companhia das Letras, 1997; 2ª ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.3

SILVA, M.; SOUZA, J. B.. "": Ver é um ato político" – configurações do homoerotismo na lírica de Caio Fernando Abreu e Horácio Costa. Scripta Uniandrade, v. 18, n. 1 (2020), p. 196-214. Curitiba, Paraná, Brasil. Data de edição: 11 jul. 2020.

SILVA, O. A. R. . Safo de Lesbos: a experiência filosófica na poesia. In: Juliana Pacheco. (Org.). Filósofas: a presença das mulheres na filosofia. 1ed.Porto Alegre: Editora Fi, 2016, v. 1, p. 12-27.

WHITMAN, W. in Relógio d'Água, abril 2010, tradução de Maria de Lourdes Guimarães, página 48.

ENSAIO

Virginia Woolf e as mulheres clássicas

Kaio Moreira Veloso

Mestrando em Letras: Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto (Pós-Letras/UFOP), e bacharel em Jornalismo pela mesma instituição. Leitor curioso, se interessa sobretudo por literatura estrangeira, dos clássicos aos contemporâneos, do ensaio à ficção. Colunista da revista O Odisseu.



Virginia Woolf por Bettmann (Reprodução)

Quando li o Curso de Literatura Inglesa, de Jorge Luis Borges, me chamou a atenção o fato de figurar entre as aulas transcritas nenhuma autoria feminina. É verdade que, historicamente, poucas mulheres figuram entre os nomes antigos e medievais, e que ainda em movimentos mais “recentes”, como o romantismo e o realismo, figuram poucos nomes femininos entre tantos masculinos. Ainda assim, me parece imperdoável que um curso dessa natureza em pleno século XX já não incluísse uma Jane Austen ou Charlotte e Emily Brontë. Virginia Woolf, no começo do século, já o fazia, e hoje, é ela própria um nome que não deve ser deixado de fora de qualquer discussão sobre modernismo em inglês.

Uma breve reflexão sobre a formação de clássicos e cânones: estes não se constroem por obra do acaso. Se supostamente a formação dos cânones

seria oriunda de pressupostos baseados exclusivamente na qualidade estética das obras, hoje já sabemos que diferentes forças, entre elas a ideologia e a materialidade dos textos, unem-se para tornar possível que certos nomes ultrapassem a ação do tempo, sua limpeza que promove o esquecimento de tantas publicações feitas ao longo das décadas, e cheguem até nós, que nos deparamos em páginas e mais páginas de histórias, poemas e ensaios que nos transportam ao passado ao mesmo tempo que nos geram reflexões no presente. Marcado pela extemporaneidade, uma forma de resistência frente à ação do tempo, o cânone diferencia-se do clássico pois este é intemporal, permanecendo atual; seus conteúdos, e não apenas sua estética, seriam superiores, permanecendo como leituras relevantes para a formação individual ainda que se passem gerações. O clássico é ainda, nas palavras de Italo Calvino, “um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”, e assim, sua comunicação continua até hoje, através de novas releituras, traduções, reedições. O problema que circunda os cânones está para além de suas listas de nomes e títulos, “mas na própria canonização, que precisa ser destrinchada nos seus emaranhados vínculos com as malhas do poder”, nas palavras de Roberto Reis (1992, p. 73), ou seja, questionar o cânone não passa apenas pela inclusão de autores não ocidentais, livros de autoria feminina, negra ou homossexual — tal tática, embora possa parecer progressista, apenas produz um novo cânone que reduplica as hierarquias sociais. Repensar os cânones trata-se de ir contra a canonização. Mas, voltemo-nos a tal processo, em que a inclusão, embora insuficiente para resolver o problema, ao menos contribui para uma melhor representatividade e diversidade de vozes.

Virginia Woolf já faz parte há algumas décadas do hall de escritoras consideradas clássicas no ocidente, aparecendo nas listas de cânones elaboradas por Harold Bloom, uma das formas de legitimação de personalidades literárias, embora também questionadas por novos críticos quanto a sua real capacidade de representar uma universalidade literária. Mas, antes que Woolf aparecesse entre outros gigantes tidos como incontornáveis, a escritora ocupava-se, para além de sua importante obra ficcional, com ensaios diversos em que elaborou suas ideias quanto à literatura moderna, a vida na Inglaterra, suas experiências pessoais e os problemas sociais que a afligiam, como a situação das

das mulheres (Um teto todo seu) e as guerras (Três Guinéus; Pensamentos de paz durante um ataque aéreo). Produziu uma vasta produção ensaística entre a qual destacam-se alguns textos sobre escritoras que hoje já concebemos como clássicas, embora tal posição, à época de sua produção, ainda estivesse em meio às disputas pelo lugar de destaque reservado aos clássicos — a batalha que define quem ainda tem o que dizer mesmo passados os anos de sua publicação original e quem sucumbirá ao esquecimento, à poeira de estantes de bibliotecas que poucos terão a coragem de recuperar. Aqui, dedico algumas palavras para comentar seus ensaios sobre Jane Austen e as irmãs Brontë.

Em *Um teto todo seu*, Woolf argumenta sobre as condições para que uma mulher pudesse desenvolver com autonomia o ofício literário: um quarto para si, para compor a sós, e certa quantia de dinheiro a fim de manter-se. Ela, que teve ambas as coisas, apesar das normas sociais de sua época e de estar também atrelada à instituição do casamento, demonstra ainda em diversos episódios como as estruturas dominantes impediam que as mulheres ocupassem certos espaços, como a Biblioteca de uma importante universidade. Chama a atenção como sua atenção à causa feminina extrapola o comentário social e nota-se ainda em seu ensaísmo, em que a partir de resenhas publicadas originalmente em periódicos, destacadamente a *Times Literary Supplement* (TLS), destaca autoras como sua adorada Jane Austen, hoje, ícone pop da literatura inglesa e de suas dezenas de adaptações para filmes de época, séries, e reinterpretações contemporâneas.

Em “Jane Austen”, publicado em 08 de maio de 1913 na TLS, Woolf comenta as publicações de dois lançamentos da época, uma biografia escrita pelos sobrinhos de Austen, é uma espécie de fan-fiction que dava continuidade à sua obra ficcional. Atenta aos fatos biográficos, Woolf comenta muito pertinentemente como, caso soubesse do interesse que suas cartas trocadas com a irmã despertariam no grande público, Cassandra Austen teria queimado todas as que sobraram, para além das inúmeras que já havia descartado, por já temer tal movimentação. São estas cartas, que apresentam em sua maior parte frivolidades cotidianas, em lugar dos segredos e decepções esperados pelo público, que compõe parte da biografia e de volumes anteriores sobre Austen, em uma tentativa de reconstituir sua trajetória de vida, preenchendo lacunas em branco com histórias familiares e outras fofocas de época. “But the time has come, surely, when there is no need to bring witness to prove Jane Austen’s fame”, afirma Woolf, certa da relevância de Austen na constelação de autores ingleses, e continua: “Arrange the great English novelists as one will, it does not seem possible to bring them out in any order where she is not first, or second, or third, whoever her companions may be”.

Movimento similar ocorre em “Jane Eyre” e “Wuthering Heights”, versão publicada em *O leitor comum* (1925), recentemente traduzido para o português por Marcelo Pen e Ana Carolina Mesquita (Tordesilhas, 2023) e presente no idioma original na

“Questionar o cânone não passa apenas pela inclusão de autores não ocidentais, livros de autoria feminina, negra ou homossexual — tal tática, embora possa parecer progressista, apenas produz um novo cânone que reduplica as hierarquias sociais. Repensar os cânones trata-se de ir contra a canonização.”

coletânea de Andrew McNeillie, *The essays of Virginia Woolf*, v. 4. Baseado em ensaio anterior, também publicado na TLS, e intitulado “Charlotte Brontë”, o texto compara a obra das irmãs Charlotte e Emily, apresentando esta última como superior dado ao seu talento como poeta. As descrições de Woolf são ricas, buscando transpor para o ensaio as imagens presentes no *Morro dos Ventos Uivantes* e em *Jane Eyre* que representam as charnechas de Yorkshire e as diversas camadas construídas em ambos os livros, acompanhando tanto a paisagem geográfica quanto a paisagem emocional de suas personagens. “And so we reach these summits of emotion not by rant or rhapsody but by hearing a girl sing old songs to herself as she rocks in the branches of a tree; by watching the moor sheep crop the turf; by listening to the soft wind breathing through the grass”, compõe Woolf sobre o romance gótico de Emily Brontë, e compara em nota, com citações a ambos os livros, como ambas as irmãs compartilham muito do mesmo senso de cores utilizado em passagens marcantes de seus romances.

Falando de cânones, que são sempre excludentes, não importa sua natureza, que ao menos hoje façamos um trabalho um pouco melhor que aqueles que simplesmente ignoram nomes e títulos que, sejamos sinceros, não são possíveis de ignorar, exceto por profunda ignorância ou mau-caratismo. Virginia Woolf já o fazia em princípios do século XX.

REFERÊNCIAS

BORGES, Jorge Luis Borges. Curso de Literatura Inglesa. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (Org.). Palavras da crítica. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

WOOLF, Virginia. Jane Austen. *The Times Literary Supplement Historical Archive*, n. 591, p. 189, 8 maio 1913.

WOOLF, Virginia, MCNEILLIE, Andrew. *The essays of Virginia Woolf*, v. 4, 1925-1928. Boston: Houghton Mifflin, 2008.

ENSAIO

Ringelblum e Uta-napíshti vivem em mim

Hyann Pedro

Nordestino, filho da Prata/PB, batizado pelo fogo em São Paulo. Formado em letras vernáculas pela USP, graduando em hebraico na USP. Um fã de Homero, Virgílio, Gabo, Tolstoi, João Cabral de Melo Neto.



Varsóvia, Polônia, caixas e cântaros usados para esconder os arquivos de 'Oneg Shabbat'. Foto: Yad Vashem - Centro Mundial de Conmemoração de la Shoá

Conta uma história com a qual as águas do Rio Tigre foram tingidas, tamanha era a quantidade de histórias e da tinta que escorriam dos livros quando o Império Mongol invadiu a cidade em 1268. A invasão significou para a cidade de Bagdá a quase completa destruição, o arrasamento de bibliotecas e o despovoamento da cidade que perdurariam por alguns séculos: era o fim da Era de Ouro Islâmica.

Talvez, entre tantas outras histórias diluídas em tinta nas águas do Tigre, boiasse a Iliada, e consigo a história de quando Aquiles matou tantos troianos em um só dia, tingindo de vermelho o Escamandro, rio que banhava, com suas águas, a cidade de Tróia. O rio, incomodado com a matança proferida por Aquiles em suas águas, resolve guerrear contra o herói em um dos mais belos trechos do poema de Homero.

Foi pelo caminho de Bagdá que seguiu Abu Nácer

Alfarábi, um dos maiores filósofos antigos. Muito provavelmente, foi em Bagdá que Alfarábi teve contato pela primeira vez com filósofos como Platão e Aristóteles, essenciais para o desenvolvimento do seu pensamento e das suas teorias. Como a teoria da eternidade do mundo e o desenvolvimento da sua utopia.

Bagdá foi, até sua destruição pelos mongóis, o caminho guia entre as diferentes partes do mundo. Ainda que a cidade tenha sido quase completamente destruída, a sua existência permitiu que muitos outros livros, sábios e histórias pudessem existir até os dias atuais. Muitos autores só foram preservados desde a antiguidade até hoje, como no caso de boa parte da obra dos filósofos gregos, por conta de lugares como Bagdá. A cidade foi a ponte entre passado e futuro, a arca de salvação de culturas que, já naquele

ENSAIO

tempo, não mais existiam.

Na epopeia de Gilgamesh, é contada a história de Uta-napishti, que ao ser avisado pelos deuses sobre o dilúvio, consegue realizar a construção de um barco e escapar do fim do mundo planejado pelos deuses. Ao sobreviver, Uta-napishti se torna o testemunho de um mundo que não existe mais, tão antigo quanto os deuses, guardando o segredo dos deuses e ganhando a imortalidade.

Em 1947, foram descobertos no Mar Morto o conjunto de pergaminhos considerados os mais antigos já descobertos sobre a Bíblia Hebraica. Os textos foram encontrados em jarros em uma rede de cavernas. Os pergaminhos continham trechos de diferentes textos: livros bíblicos, documentos, revelações, leis, usos, costumes e versões diferentes de textos que já conhecíamos entre muitas outras coisas. Posteriormente se descobriu o complexo de 12 cavernas contendo um conteúdo inestimável de textos preservados guardados pelos Essênios, um grupo apocalíptico messiânico do movimento judaico antigo. O acesso aos Pergaminhos do Mar Morto, como ficaram conhecidos, foram a ponte para um povo, os Essênios, do qual pouco ou nada se sabia, deu também acesso a todo um mundo o qual já acreditávamos impossível de acessar através de textos tão antigos.

Os textos são até os dias atuais lidos, estudados, traduzidos e interpretados. São até hoje a ponte de acesso inestimável à Bíblia Hebraica.

Foi na Varsóvia corroída pela besta nazista, dentro do que ainda sobrava do Gueto, que o grupo de judeus conhecidos como Oneg Shabbat, cientes de que seriam mortos, escreveram e esconderam em caixas e jarros o que ficou conhecido como o "Arquivo Ringelbum". O conjunto de textos constitui hoje os principais documentos sobre como era a vida no gueto de Varsóvia. Nos arquivos é possível ler poemas, cartas, diários, bilhetes, testamentos e muitos outros tipos de escritos. Os arquivos foram encontrados e desenterrados em dois momentos, em 1946 e depois em 1950, preservados do resto do mundo em jarras de leite.

A grande maioria, infelizmente, do Oneg Shabbat não viveu para ouvir falar dos pergaminhos do Mar Morto e talvez, nunca tenha conhecido a história de Uta-napishti. No entanto, em seu ato de documentar suas vidas e os acontecimentos do gueto, o Oneg Shabbat refez o seu percurso. Sua coragem fez ecoar as suas histórias pelos anos que viriam. Baseados na certeza de que algum dia outro mundo seria possível e que suas histórias seriam descobertas, certeza essa que faz com que ainda hoje vivam naqueles que entram em contato com a sua história.

Varsóvia, Polónia, pós-guerra, Michel Borwicz retirando as caixas que continham os arquivos no gueto de Varsóvia. Foto: Yad Vashem - Centro Mundial de Conmemoração de la Shoá





Os documentos recuperados que estão no Instituto Histórico Judaico em Varsóvia. Foto: Hyann Pedro (Arquivo Pessoal)

Existem muitas definições sobre o que é um clássico, como reconhecê-lo e o porquê ler os clássicos, uma delas conecta todas essas histórias. A ideia do clássico como aquilo que sobrevive, assim como os arquivos de Ringelbun e os pergaminhos do Mar Morto. A ideia do clássico, como a taboa de suspensão e contato com todo um mundo que não existe mais, e que talvez só possa existir naquele único lugar. O clássico muitas vezes pode ser o sobrevivente de todo um povo ou cultura do qual quem sabe jamais tivéssemos ideia se não fosse através dele. Sendo na sua existência concreta o que nos permite saber que aquele mundo existiu.

O clássico é muitas vezes esse elemento sobrevivente de uma cultura que passa a viver na outra, como os livros gregos em Bagdá, como Shakespeare em Suassuna e Bandarra em Fernando Pessoa. Essa, para mim, é a possibilidade mais bonita de algo existir enquanto clássico. É dessa forma que ainda hoje é possível falar de figuras como Uta-napishti, Alrábi, Gengis Khan e viver sem ter vivido em lugares como "A Varsóvia de Ouro" do século XIX ou Ítaca. Cada clássico, a sua forma, é sozinho e em conjunto, sua própria Bagdá. O leitor que abraça uma obra também transforma-se o guardião daquela cultura, que passa a viver nele e existir enquanto ainda exista o leitor. Em troca, a obra dá, a quem aceita, a capacidade de viver nas suas cidades, conhecer os seus segredos e de ser um pouco como eles, imortal, como os deuses fizeram com Uta-napishti.

“O clássico muitas vezes pode ser o sobrevivente de todo um povo ou cultura do qual quem sabe jamais tivéssemos ideia se não fosse através dele. Sendo na sua existência concreta o que nos permite saber que aquele mundo existiu.”

Uma nova adaptação de um clássico

Ricardo Gusmão

Roteirista, bacharel em Filosofia, e mestrando em Filosofia e Teoria Social pela UFBA. Atua como coordenador do Seminário de Introdução à Teoria Psicanalítica (SIPSI) e como colunista na revista O Odisseu

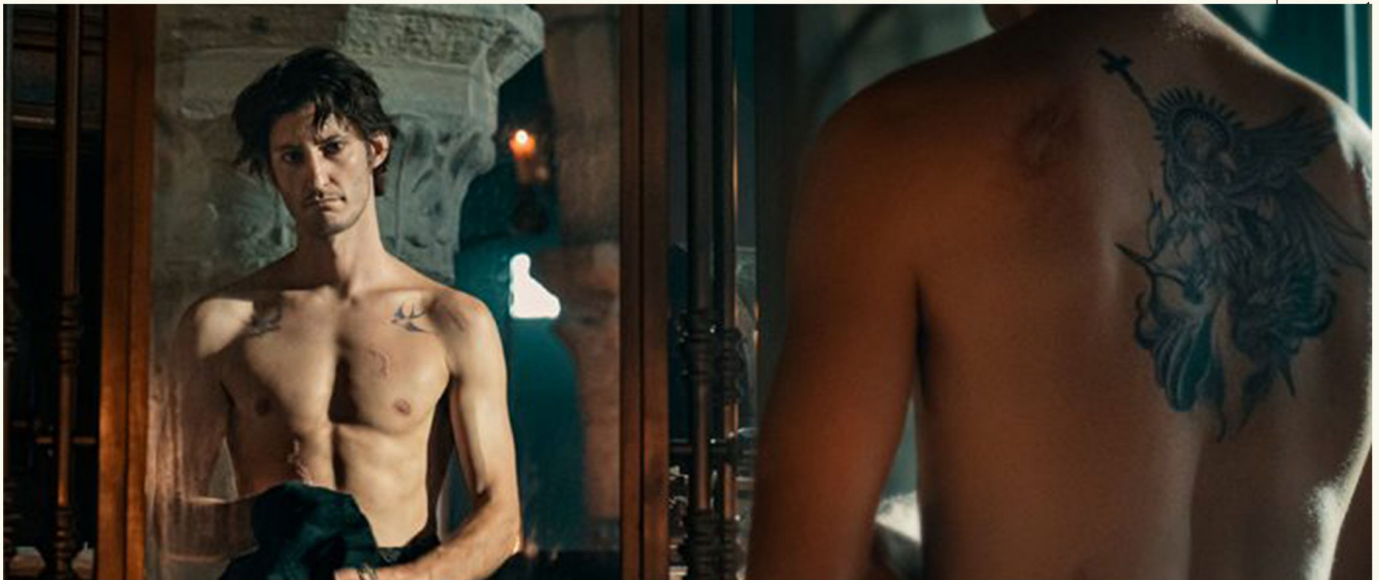


Imagem de Pierre Niney no filme "O Conde de Monte Cristo", de Alexandre de La Patellière, Matthieu Delaporte - Paris Filmes (2024)

Em 2024, chegou ao público, pelas mãos dos franceses Matthieu Delaporte e Alexandre de La Patellière (Os Três Mosqueteiros, 2023), a mais recente adaptação de O Conde de Monte Cristo, famosa obra de Alexandre Dumas (1802-1870), que já foi adaptada outras 35 vezes, considerando cinema e televisão. Uma curiosidade sobre esta versão está na presença ilustre de Alexandre de La Patellière na equipe. Alexandre é filho de Denys de La Patellière (1921-2013), este último que, em 1979, dirigiu outra adaptação da mesma obra: a famosa minissérie O Conde de Monte Cristo, estrelada por Jacques Weber (Don Juan, 1998) no papel de Dantès.

Para aqueles que, porventura, não conhecem a história, o clássico narra a jornada de vingança de Edmond Dantès (Pierre Niney), um jovem marinheiro injustamente condenado por um complô tramado por seus inimigos — e até por quem se dizia seu amigo — sob a falsa acusação de ser bonapartista. Dantès é preso e levado ao Castelo de If, em Marselha, onde deveria cumprir prisão perpétua. Contudo, com a ajuda do Abade Faria (Pierfrancesco Favino), outro prisioneiro, que se encontra lá devido à recusa a revelar a localização de um lendário tesouro templário, Dantès consegue escapar. Após uma breve passagem pela ilha de Monte Cristo, onde encontra o tesouro indicado pelo Abade, ele retorna à alta sociedade francesa sob a identidade do enigmático Conde de Monte Cristo, determinado a punir todos os responsáveis por sua desgraça.

Confesso que, quando as primeiras imagens do filme foram divulgadas, senti uma certa estranheza em relação à escolha de Pierre Niney (Boîte noire, 2021)

para o papel principal. O ator possui uma certa jovialidade que não parecia casar com a imagem geralmente construída acerca da figura de Dantès, sobretudo por se tratar de uma história com um salto temporal. No entanto, o filme consegue trabalhar bem esse aspecto, não apenas na caracterização de Niney, mas também na de boa parte do elenco, que convence tanto na juventude inicial de seus personagens quanto na maturidade que adquirem com o passar do tempo no decorrer da trama.

A adaptação aborda bem o tema do complexo de Deus, que inicialmente tomou o coração dos templários, antigos guardiões daquele tesouro, e que também toma o coração de Dantès. Apesar do aviso do Abade Faria, Dantès escolhe usar sua recém-adquirida riqueza para o mesmo propósito que seus predecessores: a vingança. Dantès se coloca no lugar daquele que julga e que pune, mas, ao assumir esse difícil papel, ele também paga um preço. A obra mantém o público consciente desse preço e, ao mesmo tempo que sentimos satisfação ao ver a vingança se desenrolando — sobretudo por ser feita de forma inteligente e não apenas com derramamento de sangue, como o tema costuma ser tratado em outras obras —, também sentimos pelo personagem e por tudo que ele desperdiça do tempo que lhe sobrou, ao persistir na vingança.

Em suas três horas de duração, a obra constrói um épico de aventura que remete bastante a uma estrutura de filmes mais antigos — uma forma de contar esse tipo de história que eu já estava quase esquecendo o quanto gostava. Isso me faz torcer para que o cinema francês entregue mais obras do gênero.

CARTA

Carta só para Adília Lopes

Márcio Ketner Sguassábia

pirassununguense de 24 anos, é poeta, autor de "sob o sono dos séculos" (Laranja Original – 2022), "o idioma da memória" (Laranja Original – 2024) e "pedranguares" (poeCia – 2024). Tem poemas e contos publicados em algumas antologias. Há cinco anos, leciona literatura no Cursinho Popular da UFTM, onde estuda.



Adília,
já há tempos queria lhe escrever. Acontece que só após a morte de Maria José, no último dia 30, é que tomei coragem. Porque agora falo mesmo contigo, livre de matéria humana.

Pode lhe faltar o físico espaço, que sempre lhe atraiu e encantou, mas não poderá me dizer estar sem tempo, posto que o tem por inteiro. E de ombros apoiados nas janelas da eternidade é que agora deve estar a ler estas palavras. Pois que lhe cheguem bem, apesar da distância e dos correios.

Não é fácil falar com quem nunca conheci, mas de quem um tanto conheço. Não é fácil conformar-se com sua onipresente despretensão. Não é fácil imaginar Lisboa sem os passos metódicos com que guiava Maria em direção aos cafés. Não é fácil crer no modo com que você parece ter previsto tudo, ao dedicar a ela seu último livro.

“Adília, você é a melhor aluna de Caeiro. Acredite. Melhor do que Fernando, tão ligado ao mestre. Porque você entendeu a beleza de olhar. A fixação da contemplação, muito menos importante que o raciocínio, que o pensamento, que a ação.”



Adília Lopes por Cristiane Alvarenga
(@abstratas_cristianealvarenga)

“Evidente, no entanto, é a continuação do ritmo circadiano, do trânsito, das dúvidas, das rezas e das promoções. Sophia já nos tinha alertado sobre a irrelevância da passagem, não nos vangloriemos dessa ignorância.

Você tem sido, talvez, uma das grandes provas dessa máxima.

Adília, você é a melhor aluna de Caeiro. Acredite. Melhor do que Fernando, tão ligado ao mestre. Porque você entendeu a beleza de olhar. A fixação da contemplação, muito menos importante que o raciocínio, que o pensamento, que a ação.

Por isso, genuína e perene é sua poesia. Leve e precisa, sua permanência.

Obrigado pelo incômodo. Obrigado pelo espanto. Obrigado pela luz e pela ampliação. Desculpe a ansiedade de nosso tempo. Desculpe a ambição. Desculpe o rótulo, a pressa, a maldade. Desculpe a descrença.

Não se esqueça de pedir ao Pai por nós, já que vai tão perto dEle. Que outras mãos possam seguir a anotar a hora exata em que o poste de sua rua se apaga, visto que, neste inverno, faltam-lhe os cadernos.

Este papel percorre suas palmas, no aperto de mãos que não lhe pôde dar o seu apreciador e irmão (por parte da língua imposta),

Márcio

12-I-2025

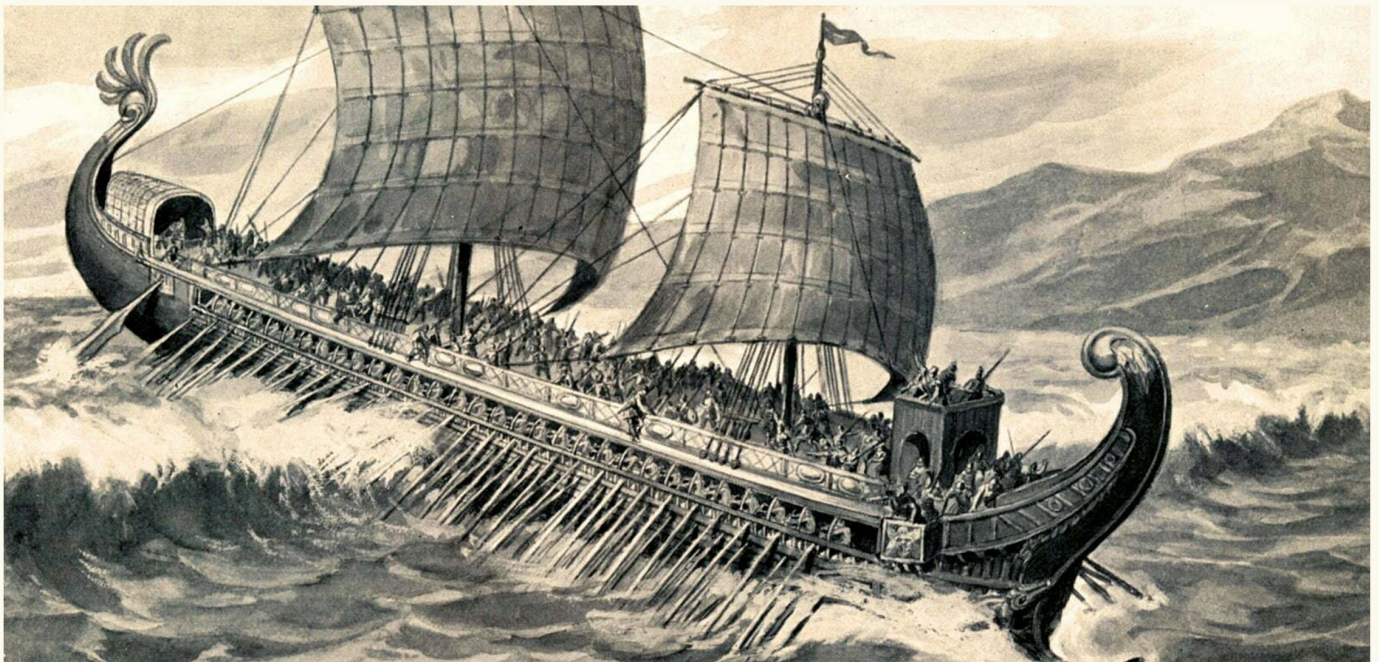
00:12h

Sertão da Farinha Podre – MG – Brasil

Ulisses desembarcou em Ítaca?

Paulo Zan

Graduado em Filosofia e mestrando em Literatura e Cultura pela UFBA, tem interesse em narrativas ficcionais da ditadura militar (1964-1985). Já publicou os livros "Linha tênue" (2022), "Trapaças" (2023), "A história de uma busca" (2024) e "Desaparecer" (2024). Apresentador do Orgulhoso Cast.



Nas beiradas da estrada, marcas de corte de lâmina. Manchas de sangue seco na terra amarela. Chumaços de cabelo com sangue pisado emaranhados nos espinhos. Diante daquilo que mostrava como as coisas eram de fato: Estou mesmo seguindo o meu destino? A cigana havia dito que ele voltaria a tempo de ter um filho, mas não disse com quem, não disse se Penélope ainda seria jovem a ponto de poder lhe dar um guerreiro, um descendente de sua linhagem para continuar sua história, disse apenas que daria tempo de três travessias, mas não fazia sentido, ele iria para o outro lado e retornaria, uma terceira travessia não fazia sentido... Sabia que a guerra seria tão longa quanto o caminho percorrido para chegar até ela. Aquelas manchas na estrada, aquelas marcas de combate, ainda não eram da guerra, eram de uma briga qualquer entre homens que haviam se excedido no vinho; era possível a mancha maior nem ser de sangue, podia ser o vômito de alguém que bebera tanto vinho a ponto de ferver o estômago. De todo modo, elas renunciavam o porvir, o sangue, a batalha, o corte. Ulisses seguia pela estrada em direção ao porto, onde pegaria uma nau e partiria para o seu destino.

As flores estavam todas murchas, não chovia. Resolvera não ir a cavalo; seus pés estavam cobertos de poeira, cada passada levantava poeira até a altura dos joelhos. Não havia problema, a água estava logo ali no horizonte, logo estaria no meio de uma imensidão de

água intransponível. Oito dias no mar para chegar no aguardado destino. Ulisses tratava como uma batalha importante, não tinha noção exata do que seria a guerra de Tróia. O importante é voltar a tempo para ter um filho.

Quando chegou no porto, encontrou-se com Lisímaco, o aldeão.

Vou acompanhá-lo na viagem, senhor.

Já estive antes em alto mar?

Já estive, senhor. Pude ajudar Geórgios em sua travessia. Também Orion e Aquiles.

Esteve com Aquiles?

Sim, levei-o para o outro lado.

E como ele é?

Mais forte do que se imagina, isso posso afirmar, senhor.

Os dois entraram no barco, mas não antes de Ulisses dizer para Lisímaco não chamá-lo de senhor; aquilo fazia com que se sentisse velho, e ele ainda queria ter o tão sonhado filho. Cogitara não ir para a guerra, o cansaço movia seus pensamentos para esses lugares, mas concluiu que não encontrariam nenhum estrategista de seu porte e possivelmente perderiam a guerra.

Começaram a remar, e Ulisse pensava que seria muito mais fácil se fossem num barco a vela. Mas entendeu o ponto, era melhor não correr riscos de interceptação. O destino já guardava surpresas demais, então era melhor não aumentar ainda mais a sua parte.

Caderno 1

Lisímaco não era tão jovem, bem provável já beirava a meia idade. Tinha barbas longas, num estilo meio vagabundo, e trajava roupas amarelas, o que deixou Ulisses com curiosidade a respeito dos motivos. A princípio guardou suas curiosidades, mas depois de quatro ou cinco dias de viagem eles já não tinham assunto, Lisímaco contara dos filhos, da mulher, de sua plantação, dos seus bichos de criação, contara de todos os grandes nomes ajudados por ele na travessia, do vinho escondido por cinco dias, e finalmente Ulisses se sentiu menos constrangido com o assunto e perguntou das roupas. Gargalhou ao saber dos motivos.

Os dois beberam vinho e comeram os cereais e as frutas que levavam.

Quando chegavam ao destino, Ulisses revelou ao já amigo o seu incômodo. Talvez a guerra não demorasse tanto, alertou Lisímaco. Acrescentou que o perigo estava em voltar sozinho, como ele teria de fazer. Pediu para se lembrar de ficar acordado, desejou boa sorte na guerra, que Zeus estivesse com todos eles, e voltou remando. Ulisses ainda gritou, dizendo ao amigo para descansar antes de retornar, era uma viagem muito grande, mas Lisímaco apenas sorriu em resposta. Ulisses ainda ficou ali na beira da praia observando até o homem sumir com seu barco no horizonte, se preocupava de verdade com o aldeão, mas nada podia fazer; a guerra lhe chamava, se quisesse fazer algo por Lisímaco e pelo outros, deveria se concentrar na estratégia, no que verdadeiramente ele podia contribuir ali.

Não se trata aqui de falar dos pormenores da guerra. De modo geral a história é conhecida. Foi Ulisses quem deu a ideia do cavalo de madeira. Os seus superiores suspeitaram. Alguns anos mais tarde, esses mesmos homens estariam fazendo chacota, troças e brincadeiras, já usando o termo “presente de grego” para zombar dos amigos nas trocas de presentes de fim de ano.

Passada a guerra, com muitas festas e honrarias a Ulisses pelo seu trabalho, ele decidiu retornar para casa, disse ter assuntos urgentes para resolver. O destino não havia falhado com ele, e sabendo que teria um filho, nada o impediria de retornar para os braços de sua esposa fiel.

Ulisses cochilou no meio do caminho, e as ondas mudaram de direção. Quando acordou, achou ter se perguntado em pensamento onde estaria, mas uma voz de mulher tratou de responder: bem-vindo a Oigíia.

Onde fica isso... e quem é você?

Eu sou Calipso.

A mulher olhava para ele com os olhos quase fechados e um sorriso nos lábios. Estava nua, sentada numa pedra, e tecia alguma coisa com as mãos. Ulisses se sentia fraco. Calipso o levou para dentro da gruta. Ele chegou a pensar que ela fosse uma feiticeira e que ele jamais sairia dali. Os fios tecidos pela mulher... Ulisses pensava que seria para todo o sempre um prisioneiro.

Calipso deu um pescado assado para ele, tratou de seus ferimentos, deu-lhe vinho e água. Disse que quando se sentisse bem, ele poderia ir embora. Ulisses convenceu a si mesmo de que faria isso, não se achava mais prisioneiro, e foi aceitando as regalias fornecidas por Calipso. Mesmo ela parecendo ser boa pessoa, carregava um olhar muito malicioso. Às vezes ele desconfiava ser um prisioneiro e tentava se levantar, mas sentia muitas dores nos ferimentos e muita sede. Calipso dizia para não se esforçar, logo ele se curaria e poderia seguir seu rumo. Ela jamais parava de tecer, como se dependesse daquilo para sobreviver. Ulisses se sentia cada dia mais cansado e

“Passou pelo mesmo caminho que conhecia. Algumas coisas eram diferentes, outras continuavam exatamente iguais.”

achava que não se curaria jamais.

Quase vinte anos depois, Hermes resgatou Ulisses, que finalmente percebeu não estar machucado e que a ninfa o havia enganado. Por isso ela não parava de tecer. Calipso se escondeu dentro da gruta. Hermes foi embora, e Ulisses entrou novamente no barco. Talvez não fosse tarde demais. Com sorte, Penélope ainda lhe daria um filho. Seguia remando como se nem o cansaço sentisse.

Quando chegou finalmente ao porto, se encontrou com Lisímaco já bem velho.

Os dois se abraçaram, e o amigo lhe disse que o havia alertado para não dormir. Ulisses chorou e alisou as faces do aldeão. Disse que voltaria para vê-lo, mas que naquele momento tinha de ir rápido para casa.

E ainda crê que tem um lar depois de tanto tempo?

A pergunta mexeu com Ulisses. Mas ele não tinha resposta.

Se passaram vinte anos, meu amigo. Acha que sua esposa não o tomou como morto e seguiu seu caminho?

Ulisses não conteve as lágrimas. Se achou ingênuo de ainda guardar as esperanças de ter um filho. Perguntou ao amigo: O que faço, então?

Vá disfarçado. Se ela o aguardou, revele-se e conte o que houve. Caso contrário, melhor seguir outro rumo. Nem tudo é destino.

Ulisses vestiu um disfarce e retornou para seu antigo lar. Passou pelo mesmo caminho que conhecia. Algumas coisas eram diferentes, outras continuavam exatamente iguais. Não havia manchas nem cortes nas bermas das estradas, mas as flores continuavam murchas pela falta de chuvas.

Quando finalmente estava chegando, resolveu se esconder atrás de uma árvore, e de lá espiou para dentro da casa, onde sua velha Penélope se encontrava sentada. Um calor lhe subiu novamente, o mesmo de vinte anos antes, ou até mais forte. Fez que ia para casa, quando viu a silhueta de um homem. Era um moço bonito, jovem. O rapaz beijou os cabelos de Penélope ao passar por ela e Ulisses caiu em prantos. Não seria justo voltar, Penélope não fizera por mal. Ela tinha de seguir a sua vida... Mas por que um homem tão novo?

Ulisses voltou para o porto. Dessa vez não encontrou Lisímaco. Entrou no barco e resolveu seguir para o mar, meio sem rumo mesmo.

Voltarei para Tróia, onde fui herói.

No meio do caminho, um pensamento lhe atravessava: Era tarde demais para retornar e distante demais para seguir em frente. Vale a pena seguir?

Absorto nos pensamentos, lembrou-se com mais atenção do que a cigana havia lhe dito.

Outro Modernismo: a literatura de Lima Barreto

Welber Trindade

professor, pesquisador, tradutor, designer e ilustrador. É graduado em Letras vernáculas e língua inglesa pela Universidade Federal da Bahia (onde atualmente é mestrando em Literatura e Cultura) e, além de pesquisar a obra de Lima Barreto, participou na tradução de dois livros da Coleção Fábulas e Contos Negros e Crioulos publicado pela editora Segundo Selo em 2021 e atuou como capista em outros livros da mesma editora.



O bom peregrino caminha com
lentidão, porém com precisão
Provérbio Africano

1

Modernismo Negro, o mais novo lançamento de Jorge Augusto, é uma obra de importantíssima contribuição para o pensamento crítico sobre literatura e cultura no Brasil. Como apontado pelo autor na apresentação: o livro busca apresentar Outra leitura sobre a produção de um modernismo negro na Literatura de Lima Barreto.

Os títulos do livro (título e subtítulo) apontam para uma espécie de bifurcação argumentativa: os dois grandes pontos trabalhados no livro são, como sugerido por eles, a noção de Modernismo Negro (a partir da "recusa de Lima Barreto em dialogar com os pressupostos modernistas adotados pelos artistas [paulistas]" de sua época (AUGUSTO, 2024. p. 46) e uma profunda análise de como esse Outro Modernismo se configura na obra do Autor em três áreas/temáticas: Língua, Território e Memória.



Lima Barreto sorri em arte a partir de IA presente na edição de "Modernismo Negro" (Segundo Selo)

Preto desde nascença,
escuro de sol
Eu tô pra ver ali igual no
futebol
Sair um dia das ruas é a
meta final
Viver decente, sem ter na
mente o mal
Tem o instinto que a
liberdade deu
Tem a malícia que cada
esquina deu
Conhece puta, traficante,
ladrão
Toda raça, uma pá de
alucinado e nunca embaçou
Confia nele mais do que na
polícia
Quem confia em polícia? Eu
não sou louco!

O livro começa com uma seção intitulada "O DOUTOR", na qual Augusto fala da experiência negra no caminho rumo à formação acadêmica. Uma encruzilhada cheia de perguntas e dúvidas que atravessam o corpo negro na academia:

"Como eu havia saído do baba para virar um doutor, por que apenas eu? Aluno mediano de escola mediana, um negro entre todos os negros, o que eu estava fazendo aqui? E senti o desespero da culpa, pisei no sangue quente de Peu, de Babão, de Fel... e era eu o fantasma, o monstro" (Idem, p. 42).

Como bem disse Henrique Freitas (Idem, p. 463): "desfiar-se e desafiar-se é gesto mais poderoso que umx pensadorx pode impor a si mesmo". E aqui temos uma pequena amostra da luta cotidiana de um corpo negro periférico contra Culpa do Sobrevivente. "A culpa não é racional, é uma ferida psíquica do racismo, que amontoa os corpos, impedindo o tempo para elaboração afetiva das perdas" (Idem, p. 42 - 43).

As vivências narradas ecoam em várias esquinas da cidade. "Ainda me lembro de Sair para trabalhar e pisar na escada toda suja de sangue porque a polícia tinha arrastado os corpos dos meninos. Eu tinha essa memória, essa memória do território. Entendi, então,

2

Found myself screaming in a hotel room
I didn't want to self-destruct
The evils of Lucy was all around me
So I went running for answers
Until I came home
But that didn't stop survivor's guilt
Going back and forth
Trying to convince myself the stripes I earned
Or maybe how A-1 my foundation was
But while my loved ones was fighting a continuous

war

Back in the city
I was entering a new one (Kendrick Lamar)

que um doutor negro só poderia ser uma sombra se um homem negro o fosse, anteriormente" (Idem p. 43 - 44). Quantas vezes saímos (e ainda teremos de sair) para trabalhar desviando dos rastros de violência contra nossas irmãs e nossos irmãos? Quantas vezes voltamos (e teremos de voltar) das instituições de ensino em horas mortas, temendo não conseguir alcançar o portão de casa? A vida negra é uma vida atravessada de medos.

Porém, longe de uma posição de sujeição e vitimismo, Augusto nos aponta em direção a outros lugares de reflexão: "Entendi que foi essa memória que salvou o povo negro na diáspora [...] para narrar esse acontecimento, era necessária uma língua que não colonizasse nem o acontecimento, nem sua memória" (Idem, p. 44). Aqui vemos como os três temas escolhidos como pontos de análise da obra de Lima Barreto (Língua, Território e Memória) não partem de um lugar teórico, intangível. Esses pontos são vielas, becos, reentrâncias onde a vida negra (ainda) pulsa, ou, nas palavras do autor: "portas de entrada para a compreensão da experiência negra na Modernidade brasileira". (Idem, p 44).

3

A Rocha é o pai da pedra
Provérbio Africano

Jorge Augusto e Henrique Freitas são duas das grandes pontas de lança que temos no combate à pilhagem epistêmica e outros ataques lançados à obra de Lima Barreto e outras autoras e autores negras e negros.

É a partir das contribuições e dos diálogos entre esses dois grandes intelectuais negros que podemos compreender, por exemplo, que "sem Lima

Barreto não teríamos Modernismo no Brasil" (FREITAS, 2016).

A segunda seção do livro, intitulada "MODERNISMO" é uma aula primorosa sobre o assunto. Augusto é especialista no tema, fato apontado por Henrique Freitas no posfácio do livro:

"[Augusto] dedicou-se com rigor por anos às pesquisas e estudos acadêmicos sobre o Modernismo brasileiro, mesmo antes de seu doutorado, que resultaram em uma monografia de Especialização e uma dissertação de mestrado sobre o tema, além de textos publicados, bem como em cursos e disciplinas sobre o tema em instituições educacionais de ensino superior baianas na condição de docente" (Idem, p. 466).

O rigor e o alto nível desses estudos fazem da obra uma leitura desafiadora para o público geral, afinal, vale a pena lembrar que esse livro é um refinamento de sua tese de doutoramento. É perceptível, no entanto, um esforço do autor em acenar ao público não especializado utilizando, sempre que possível, uma linguagem mais acessível. Característica central apontada por ele na literatura de Lima Barreto e presente também na obra de outras autoras e outros autores negras e negros.

A discussão gira em torno do Modernismo Paulista de 1922 e a diferença do movimento literário defendido pela literatura negra, em específico, a obra de Lima Barreto. Como nos explica Augusto:

"Recorremos ao Modernismo de 1922, como movimento que estruturou a recepção e a difusão da Modernidade entre nós, buscando evidenciar a diferença entre os caminhos escolhidos pelo movimento e aqueles percorridos pela obra de Lima Barreto" (AUGUSTO, 2024, p. 46).

Jorge Augusto faz um detalhado percurso histórico sobre a estruturação do Modernismo Paulista,



O poeta, pesquisador e professor Jorge Augusto, autor de "Modernismo Negro" (Segundo Selo, 2024). Foto: Denni Sales/ O Odisseu

evidenciando, ao mesmo tempo, na literatura de Lima, “uma outra proposição de projeto de Modernidade” (Idem, p. 47), a que Augusto dá o nome de “Modernismo Negro”:

“A multiplicidade é a proposta do autor, no plano ético-estético: como valor civilizatório e como modulação organizadora de sua textualidade. Gêneros, personagens, temas, tempos, espaço - tudo em Lima Barreto escapa à unidade. Operando um pequeno reducionismo no programa barretiano, para fins de viabilizar e potencializar nossa discussão no âmbito da literatura brasileira, chamaremos seu projeto de Modernismo Negro” (Idem, p. 120).

O autor deixa claro, porém, que chamar o projeto de Barreto de Modernismo Negro, já é uma operação de um “pequeno reducionismo no programa barretiano” o que, além de uma afiada consciência crítica, mostra seu compromisso em não fazer uma leitura reducionista da literatura de Lima Barreto ou ainda em não criar um rótulo para ela:

“Para nós, não se trata de buscar integrar Lima Barreto na genealogia tradicional da literatura brasileira [...] O investimento crítico deveria ser não em achar um lugar para a obra de Lima Barreto, mas sim, mover o campo da literatura brasileira, multiplicar seus movimentos, alargar seus espaços, democratizar seu acesso, trata-se de mover não o autor, mas o campo inteiro no sentido de abarcar as diferentes epistemologias que poderiam produzi-lo mais preparado para interagir com a diferença que constitui a vida”. (Idem, p. 50).

O livro segue entrando mapeando os passos para uma extrapolação do próprio campo literário nacional, fornecendo um norte:

“Para isso é necessário dialogar, interagir e trocar intensivamente com as gnoses negras e indígenas obliteradas dos sistemas de avaliação e validação da literatura brasileira”.

Esse diálogo intensivo acontece o tempo todo no livro, que trabalha a relação como uma práxis (teoria que também é prática). Ouvimos, ao longo de toda a obra vozes negras brasileiras como as de Ferrez, Graça Kilomba, Henrique Freitas, Leda Maria Martins, Muniz Sodré e outras de diversos lugares da diáspora como as de Édouard Glissant, Gayatri Spivak, Homi Bhabha, Paul Gilroy, Stuart Hall. Para citar apenas algumas.

4

O redemoinho não leva o pilão
Provérbio Africano

Conheci Jorge Augusto em 2023, quando defendi meu projeto de pesquisa de Mestrado sobre os livros “O diário do Hospício” e “O Cemitério dos Vivos”, de Lima Barreto, pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Ele fez parte da Banca composta também pelo Prof. Dr. Henrique Freitas e meu orientador, o Prof. Dr. Arivaldo Sacramento. Esses intelectuais de excelência vêm contribuindo imensamente para a produção de lentes negras, pelas quais podemos apreciar a potência desse grande autor de nossa literatura.

“O rigor e o alto nível desses estudos fazem da obra uma leitura desafiadora para o público geral, afinal, vale a pena lembrar que esse livro é um refinamento de sua tese de doutoramento. É perceptível, no entanto, um esforço do autor em acenar ao público não especializado utilizando, sempre que possível, uma linguagem mais acessível.”

Lima Barreto foi duramente criticado em vida (e postumamente) por supostamente escrever uma “literatura à clef” ou “autobiográfica”, algo que vemos ser aplaudido mais e mais na literatura brasileira contemporânea, principalmente pelo viés da “autoficção”, atribuída a autores como Silviano Santiago. Além disso, devido às suas duas internações no Hospício para lidar com o adoecimento provocado pelo alcoolismo, Lima Barreto entrou para a historiografia literária, não como o escritor que é, mas como “um bêbado e louco que escreveu sobre suas mazelas”. É esse tipo de leitura que a crítica especializada no Brasil forjou e que estamos trabalhando duramente com tantas e tantos outros pesquisadores para estilizar.

“Modernismo Negro” é mais um passo na direção da valorização da herança negra deixada por todas as pessoas que lutaram (e ainda lutam) pelo direito à escrita, pelo direito à literatura. Um livro que busca mostrar, não o Lima Barreto adoecido e internado que estamos acostumados, mas imaginar um sorriso que se abre às próximas gerações de estudantes, leitoras, leitores, escritoras e escritores, para que o nosso caminho possa ser trilhado por um caminho menos tortuoso.

Ajudei Augusto na montagem da capa que se abre para mostrar um Lima Barreto sorridente, um Lima Barreto altivo, orgulhoso dos frutos que seu trabalho renderam nos últimos 100 anos e nos 100 que virão.

AGRADECIMENTOS: Agradeço à Odisseu pela confiança e oportunidade de produção, publicação desse texto. Agradeço ao olhar atento e sempre generoso de Lourdes Modesto na revisão. Recomendamos a leitura em voz alta para melhor apreciação.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Jorge. Modernismo Negro. Salvador: Segundo Selo, 2024.
FREITAS, Henrique. O Arco e a Arkhé: ensaios sobre literatura e cultura. Salvador: Ogum's Toques Negros. 2016.
OXÓSSI, Mãe Stella de. Ôwe. Salvador: Sociedade Cruz Santa do Ilê Axé Opô Afonjá, 2007.

‘Cem anos de solidão’: Aprendendo a se encantar

Clarisse Peixoto

Advogada, mestranda em psicanálise e graduanda em psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Escreve sobre livros, psicanálise e arte. É colunista da revista O Odisseu.



Gabriel García Márquez recebe o Prêmio Nobel de Literatura, em 1982
(Foto: Bjorn Elstrand/AP)

Há alguns meses, quando iniciei minha graduação em Psicologia, fiz um curso de extensão em “Psicanálise e Arte”, dois dos temas que mais me movem e encantam. Ao final do curso, a proposta era que todos levassem o seu objeto preferido, a fim de que fosse reproduzido de uma forma artística.

Lembro de, no dia, sem pensar muito, olhar a anotação na agenda e logo me dirigir à estante de livros e pegar o exemplar de “Cem anos de solidão”, cuja edição é belíssima e tem uma borboleta estampada no centro da capa, com as formigas em volta e toda a magia de Macondo.

Como parte da experiência daquele curso, tínhamos que explicar o motivo de termos escolhido aquele objeto em particular, dentre tantos outros possíveis. Quando comecei a explicar aquela escolha, foi como se o Inconsciente viesse à tona e, numa

torrente de palavras, que eu nem sabia muito bem que estavam ali guardadas, a minha escolha quase mecânica passou a fazer todo o sentido.

Não vou aqui reproduzir todo o meu discurso desconexo daquele dia. Vou encadear os fatos e te contar, desde o comecinho, qual foi e qual é a minha relação com os Buendía. Te convido agora a adentrar um pouquinho na minha história. Vem comigo?

Para te dar um mínimo de contexto, eu começo dizendo que, desde que me entendo por gente, sou uma leitora compulsiva. Em umas certas férias de verão, quando tinha uns 14 anos, já esgotadas as minhas opções de leitura tradicionais, peguei o exemplar surrado da minha mãe, que tanto me falava das maravilhas de García Márquez.

Quando resgato o que me ficou daquele primeiro contato, o que me vem à memória de pronto é um enorme estranhamento, principalmente com o fato de terem amarrado José Arcadio a uma árvore. Mas não só. Racional e imatura que era, só tinha olhos para olhar, mas não para ver e muito menos para reparar. Queria explicação para todo aquele sem explicação. Fato é que o tempo passou e eu seguia achando García Márquez superestimado - com toda a audácia e arrogância que os adolescentes conseguem ter.

Alguns anos se passaram e chegou o meu ano de vestibular. Naquele ano, o professor de português do terceiro ano do meu antigo colégio havia sido demitido, em um desses movimentos cruéis do capitalismo, que rechaça a sabedoria dos mais idosos. Esse professor também tinha sido o professor do ano de vestibular da minha mãe e eu passei a minha vida ouvindo as maravilhas de suas aulas. Poxa, justo na minha vez, acontece isso.

Até que um dia, um amigo perguntou se eu não estaria interessada em fazer um curso de gramática e redação voltados para o vestibular. Eu achava que não seria necessário fazer um curso por fora dessas matérias, já que meu calcanhar de Aquiles eram as exatas. Até que ele diz: ok, então vou avisar ao Poppe - esse era o sobrenome do nosso herói - que só eu vou. Espera, o que você disse? Poppe? Então eu vou. E fui.

O que eu não sabia era que aquele encontro mudaria minha vida para sempre. Muito mais que um professor, eu encontrei nele um amigo - calma, eu já volto para os Arcádios e Aurelianos, mas precisei fazer essa digressão. Mesmo depois de já estar cursando Direito (minha primeira graduação), eu segui tendo

CRÔNICA

aulas com ele. Primeiro, com a desculpa da preparação para concurso público. Depois, nos enveredamos pela literatura, nossa paixão em comum, e cada aula era uma viagem. Literalmente, porque ele dividia os textos em lugares do mundo. Passamos por cada região do Brasil, pela América Latina, África, Europa... E foi só então que eu entendi como fui boba tentando racionalizar o realismo mágico. Nem tudo precisa ser compreendido. Às vezes, sentir já é o bastante.

Mais um tempo se passou. Corta para a pandemia. Minha mãe tinha acabado de ler "O Amor nos tempos do cólera". Completamente maravilhada, insistiu para que eu o lesse também. Quando acabei de ler, toda aquela fumaça de superestimação do autor se esvaiu. Ele era tudo aquilo mesmo e muito mais. Foi então que comecei a buscar mais de suas obras, o que só ia confirmando toda a maravilhosidade daquela escrita que antes eu fora tão incompetente para apreciar.

Até que chegou o momento de reler aquele em que o homem é amarrado na árvore. Não sei se foi pelo fato de não estar esperando muito, por conta daquela desastrosa primeira leitura, ou se o passar dos anos realmente nos modificam tanto, ou se as coisas têm mesmo um momento certo para acontecer. O que eu sei é que aquela foi a leitura mais gostosa que já tinha feito na vida - e olha que não foram poucas.

Os meus olhos de racionalizar aprenderam a se encantar. Talvez "Cem anos de solidão" seja assim tão especial pra mim por isso, por marcar essa jornada de mais de 15 anos que me ensinou a olhar para a vida de uma outra forma. Que me ensinou que eu não preciso saber todas as respostas. Que nem tudo demanda explicação. Que entre o Céu e a Terra há muito mais mistério que dogma. E melhor que seja assim.

Acho que é aí que reside a magia de um clássico. Uma leitura nunca é igual a outra, porque o leitor da segunda leitura já não é o mesmo que era na primeira. E também não será o mesmo na terceira. O clássico tem esse poder estranho de se apresentar de uma forma única e exclusiva a cada leitor. O mais bonito acontece quando o mesmo leitor se torna um novo leitor. Mais bonito ainda é se permitir se tornar novo.

“Talvez ‘Cem anos de solidão’ seja assim tão especial pra mim por isso, por marcar essa jornada de mais de 15 anos que me ensinou a olhar para a vida de uma outra forma. Que me ensinou que eu não preciso saber todas as respostas.”

Caderno 2: Odisseia



Ítalo Calvino e Jorge Luís Borges

PERFIL LITERÁRIO

Geografia de Inquietudes

Kátia Borges

Nasceu em 1968, em Salvador, Bahia, Jornalista, mestre em Teoria e Crítica da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia, trabalhou no jornal 'A Tarde', na Bahia. Autora dos livros 'De volta à caixa de abelhas' (As letras da Bahia, 2002), 'Uma balada para Janis' (P55, 2009), 'Ticket Zen' (Escrituras, 2010), 'Escorpião Amarelo' (P55, 2012), 'São Selvagem' (P55, 2014) e 'O exercício da distração' (Penalux, 2017).



O escritor Dênisson Padilha Filho. Foto: Marlon Chagas/ O Odisseu.

Há sempre uma estrada em qualquer lugar, para qualquer pessoa, em qualquer circunstância

Jack Kerouac

Os personagens do escritor Dênisson Padilha Filho abrigam sob aparente aridez uma geografia de inquietudes. Recorro a essa imagem na tentativa de abarcar algo que, a meu ver, singulariza a subjetividade presente na prosa deste autor. Seus heróis, nem sempre heroicos ou com pretensões heroicas, movimentam-se entre um mundo interior inacessível e um mundo exterior composto por paisagens áridas, urbanas, fugidias. E nunca se entregam totalmente a um espaço ou a outro.

Agora você está aí, nessa bolha de fantasias, com seus santos decanos da bondade e redenção da carne.

Lá fora, seu asfalto, a noite e o desespero dos homens. Ai dentro, o seu. Que novidade o aguarda depois daquela curva, com o raiar da primeira luz?

Cabe ao escritor, que celebra 25 anos de literatura com o lançamento do livro de contos *Fúria talvez* (P55, 2024), orquestrar o desvelamento deste jogo, que é construído junto ao leitor em cada uma de suas narrativas, como no trecho do conto "Essa coisa tola de renascer", citado logo acima. Deste modo, quando se expressam por meio da linguagem — e uma das características de Dênisson Padilha Filho é justamente o rigor na composição dos diálogos —, paira sempre um silêncio, um interdito, um "em trânsito" que oscila entre o que se fala e o silêncio sobre o que será dito.

Assim, mesmo quando dialogam, em interações verborrágicas ou monossilábicas, os personagens de Dênisson Padilha Filho calam o que lhes vai na alma e deixam ao leitor um silêncio a ser preenchido. Calam por sabedoria ou por ignorância. Falam com demasiada coragem ou comovente covardia. Talvez pela compreensão kafkiana do longo caminho a ser percorrido até o próximo. É nesse caminho, para dentro, que se desenham as estradas "para qualquer pessoa, em qualquer circunstância". Citamos abaixo mais um trecho deste autor, este do conto "Continue na linha", de *Fúria talvez*.

- E você acha que a dificuldade de voltar se mede em quilômetros?
- E você não acha que entrar numa caverna é também um retorno?
 - É, talvez.
- Por favor, pare de falar "é, talvez" o tempo todo. Você sabe como fico irritada.
- Entrar numa caverna é retornar, tem razão. Mas a caverna nunca me desapontou.

Em *Eram os olhos enfeitados de sol*, novela publicada pela Penalux em 2017, a narrativa de Dênisson Padilha Filho gira em torno de um exílio subjetivo, da cidade grande ao interior do país, da cidade pequena ao interior do personagem, que se desdobra no íntimo entre os ambientes e suas sonoridades, como podemos observar no trecho abaixo:

Se um dia algum profissional maluco, num grande centro médico, encostasse o estetoscópio em minha têmpora iria escutar cavalos noturnos e o silêncio do córrego de trás da casa da minha avó. Mas se o exame fosse num posto

PERFIL LITERÁRIO

saúde, ali na minha cidadezinha, o som seria de sirenes, engarrafamentos e do frenesi dos toques de celular, porque pra todos que pisam fora é isso o que resta, a pecha de não ser de lugar nenhum.

Ser de lugar nenhum é, sobretudo, ser apenas de si mesmo, seguir o mapa de seu próprio céu e de seu próprio inferno. Em seus três primeiros livros — “Menelau e os homens” (Casarão do Verbo, 2012), “Carmina e os vaqueiros do pequi” (Santa Luzia, 2003) e “Aboios celestes” (Selo Bahia, 1999) —, podemos supor que os cenários áridos de um sertão tão real quanto imaginário forjam os homens áridos que o habitam. Mas essa é uma leitura frágil. Há um inquieto mundo interior que se movimenta, em contraste com a aridez da paisagem. Abaixo cito um trecho de “Talvez eu te odeie, um conto de Natal”.

Pai, resolvi deixar por escrito porque na verdade não teria coragem de lhe dizer nada disso. Até porque tudo o que tenho a dizer não cairia bem em período natalino, acabaria em mais uma discussão nossa.

Essa fértil inquietude, os personagens de Dênisson carregam consigo quando migram, quando

retornam ou quando transitam entre os mais diversos espaços de aridez, em seus outros livros. Ruas de grandes metrópoles, casas de família, rodovias desertas, bares, postos de abastecimento, boates. Cada diálogo envolve sempre muitos riscos. E aqui penso em Fabiano, o protagonista de “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, para quem toda palavra conduz à impossibilidade social da linguagem.

Quando de sua estreia, em 1999, com “Aboios Celestes”, tem-se já o esboço dessa paisagem íntima que, ao longo dos últimos 25 anos, o autor trabalha em cada texto, incluindo o onírico “Um Chevette Girando no Meio da Tarde” (Mondrongo, 2019), ambos livros de contos. O silêncio surge como um elemento poderoso nas narrativas de Dênisson Padilha Filho, não como a negação da fala, mas como forma de expressão possível.

“Essa fértil inquietude, os personagens de Dênisson carregam consigo quando migram, quando retornam ou quando transitam entre os mais diversos espaços de aridez, em seus outros livros.”

O escritor Dênisson Padilha Filho. Foto: Marlon Chagas/ O Odisseu.



PERFIL LITERÁRIO

Também em “Rock Circus” e no já citado “Fúria talvez”, seus títulos mais recentes, temos a mesma marca narrativa. No primeiro título, publicado em 2023, pela P55, acompanhamos o silencioso aprendizado de um adolescente entre as extintas dunas da Pituba, no qual o mundo é um interdito. No segundo, nos diálogos entre dois velhos amigos que menos revelam de si do que ocultam (em dois dos melhores contos deste livro, “Ninguém sabe” e “O que te leva a crer que o México é um paraíso?”).

- É. No fundo, acho que ninguém sabe que você dormiu com ela, Emilio. Mulher não é de sair falando.
 – Também acho, Chico, relaxa. Daisy não contaria às amigas.
 Silêncio. Chico e Emilio estão no seu elemento, o silêncio; celebram cada minuto sem palavra. Crianças esbanjando alegria na relva.
 – Emilio. – Diz. – Tenho uma coisa pra lhe contar.
 – Eu sei disso, Chico.
 – Como sabe?
 – Eu liguei em cima da hora e mesmo assim você veio.

O escritor Dénisson Padilha Filho. Foto: Marlon Chagas/ O Odisseu.



No trecho abaixo, fechando essa breve análise, destacamos, especialmente por seu tom irado e divertido, em fluxo, um trecho do conto “Nada além disso”:

Sair pelo portão do prédio e mandar cada um pro inferno.
 Bom dia, senhora. Vá pro inferno! Nunca mais vi você, criatura, andou viajando? Vá pro inferno! Senhora, a edição de abril de sua revista já chegou. Vá pro inferno! Mandaria todos pro inferno hoje com muito gosto. Acho que as ruas ficariam vazias se hoje eu saísse por aí, nua, mandando todos pra aquele lugar..



Este conteúdo é uma parceria entre a revista O Odisseu e a editora p55.

ENTREVISTA - LUIZ ANTONIO SIMAS

Entra na roda e ginga!

Ewerton Ulyses Cardoso

Comunicador, designer, editor-fundador da revista O Odisseu. É ficcionista com contos publicados em antologias e graduando em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal da Bahia.



O escritor e historiador Luiz Antonio Simas. Foto: Michelle Beff.

Soube que precisava entrevistar Luiz Antonio Simas ao assistir sua apresentação na FLIP de 2024. A abertura do ano em que se homenageou o tão complexo João do Rio. Como quem faz um padê para Exú abrir os caminhos dos trabalhos, Simas invocou a memória das ruas presente na obra de João do Rio, mas também na sua própria.

O autor, que também é historiador e compositor (de samba-enredo, inclusive) e professor e babalaô no culto de Ifá tem um ponto de encontro com o João do Rio que são as próprias encruzilhadas do Rio de Janeiro. Ademais, ele segue a linha de pesquisadores como Leda Maria Martins (a maior), Denise Carrascosa (minha diva pessoal) e Alberto Mussa na investigação das crenças e costumes populares dos povos em diáspora e os indígenas para a construção de uma identidade brasileira. Lembra-se quando se falava de "intérpretes do Brasil" e se falava de Freyre e Darcy Ribeiro? Incluo Simas no panteão dos intérpretes.

A entrevista:

Ewerton: Nas "Crônicas Exusíacas", você escreve sobre um Rio de Janeiro cheio de cores e encantos que em muito me lembrou a cidade de Salvador. Noto, no entanto, que as duas cidades estão passando por transformações, o que inclui, por exemplo, uma enorme onda de conservadorismo (para não falar de onda reacionária) que condena alguns dos principais símbolos da cidade: o carnaval, os cultos afros, o sincretismo religioso e a música. Como você encara este momento de transformações?

Simas: Eu não sei se o Rio de Janeiro das crônicas exusíacas é exatamente uma cidade cheia de cores e encantos. Eu acho que, a rigor, é cheia de soluções para lidar com o horror, a exclusão, a violência institucional, que marcam a nossa história. O que temos hoje é o acirramento de uma guerra que, com nuances, atravessa

os tempos na história da cidade. O avanço do obscurantismo, do racismo religioso, das violências materiais e simbólicas contra as culturas não brancas é efetivo e não sei se é contornável. De todo modo, me interessa entender como, nas bordas desse horror, as encantarias que subvertem o precário ainda se estabelecem.

Ewerton: Li seu livro pouco tempo após de ler “Corpo de vento: Exu da Teoria”, da professora Denise Carrascosa (EDUFBA) e os livros dialogam muito! Algo que vocês dois trabalham, a partir da figura de Exú, é a respeito da “ginga” ou da “pelintração”, esse jogo que se trava no jogo do saber, uma disputa que exige muita sapiência. Será que em tempos tão obscuros como os que estamos vivendo, precisamos reaprender a gingar?

Simas: Não sei se desaprendemos. Talvez seja necessário reavivar estratégias pelintras de subversão ao horror; aquilo que chamo de paradoxo da adequação transgressora (você consegue transgredir exatamente porque, em alguma medida, se adequa) e equilíbrio gingado (é a ginga que, em seu aparente movimento de perda de equilíbrio, permite que o equilíbrio aconteça). Isso é o “garrinchamento”: construção de soluções para o jogo a partir da ocupação do vazio - o princípio básico da ginga que se consuma em drible.

Ewerton: Um ponto que sempre retorna em seu livro é o samba e a perseguição ao samba que aconteceu historicamente e que ainda, vez por outra, se manifesta. Em Salvador, coisa semelhante acontece com o Axé. No entanto, os dois gêneros irmãos também já foram em muito usurpados por pessoas que lucram em cima dessa cultura afro, mas afastando-se de suas raízes. Gostaria que você falasse um pouco da apropriação cultural nesses gêneros.

Simas: Tenho certa dificuldade de lidar com essa ideia de apropriação cultural; não domino bem o conceito. De toda forma, não acredito em culturas que não sejam marcadas por fluxos, refluxos, tensões, autofagias, sincretismos, aconchegos e embates de todas as ordens. Me parece que a apropriação ocorre quando fundamentos orgânicos de uma cultura são incorporados por outras a partir de intenções e perspectivas ancoradas no mercado e na financeirização de todos os aspectos da existência. Passa longe de um movimento orgânico. É isso que me parece terrível quando falamos no samba e em um carnaval cada vez mais mensurado prioritariamente pela circulação de capital. Da mesma forma que o preconceito e a desqualificação das culturas não brancas deve ser combatido, tenho também uma implicância danada com o que chamo de “simpatia pitoresca”: o sujeito se aproxima de determinada cultura, se apropria de códigos da mesma, não porque reconheça dimensões sofisticadas de mundo que essas culturas trazem (o que seria até legítimo) mas por interesses diversos que, no fim das contas, só servem para confortar anseios individuais ou atender a demandas do capital.

“Simpatia pitoresca’: o sujeito se aproxima de determinada cultura, se apropria de códigos da mesma, não porque reconheça dimensões sofisticadas de mundo que essas culturas trazem (o que seria até legítimo) mas por interesses diversos que, no fim das contas, só servem para confortar anseios individuais ou atender a demandas do capital.”

Ewerton: Uma vez uma professora minha (salve, professora Tatiana Sena de literatura da UFBA!) me falou que a teoria afropessimista (Frank B. Wilderson III) encontraria dificuldades no Brasil. Na ocasião, ela me fez pensar sobre como o carnaval brasileiro, por exemplo, é uma forma de resistência à opressão, assim como todos os nossos batuques. O que você acha disso? Acha que nós, brasileiros, estamos sempre driblando o pessimismo?

Simas: Acho que sim. E vejo as festas populares em uma dimensão que não é apenas a da resistência (resistir, afinal, é reagir a uma determinada ação de outro elemento). Vejo nas festas populares uma dimensão de resistência, certamente, mas também de invenção; de organização arrojada de maneiras de estar no mundo. Resistir e inventar constantemente. Somos reativos e inventivos, afinal. Isso tudo não anula as questões que marcam os tensionamentos desses folguedos nos dias recentes; espremidos entre o avanço do reacionarismo tacanho da extrema-direita e a sanha devoradora do capital.

Ewerton: Falando agora um pouco do gênero crônica. Trata-se de um gênero super brasileiro. Nós temos incríveis representantes da crônica, sendo o maior, Machado de Assis. Há algum tempo, o escritor Julián Fúks, outro cronista maravilhoso, decretou a morte da crônica. Segundo ele, o gênero está nas últimas. Mas lendo seu livro (e inclusive as crônicas do Julián), sinto a crônica bem viva. Como você vê o presente momento do gênero?

Simas: A morte da crônica já foi decretada algumas vezes. O gênero morreu - e acho que morreu mesmo - mas passa bem. Perdeu status, saiu das páginas dos jornais, interessa pouco ao mercado editorial, continua sendo considerado um gênero menor diante do romance e do conto. De toda maneira, tem muita gente boa escrevendo crônicas, publicando, divulgando nas redes. Terminei de ler "O último dia da infância", do Marcelo Moutinho, e me pareceu um grande livro de crônicas, por exemplo. De toda forma, eu acho que não faço exatamente crônica em alguns livros. Prefiro dizer que recolho registros de certa memória urbana da cidade.

Ewerton: Um debate que você resgata no livro (antes já tratado por outros grandes autores como Ariano Suassuna) é o embate entre o "Brasil Oficial" e o "Brasil de Verdade". Em tempos como os nossos, se apontam como patriotas pessoas que não gostam de samba, não gostam de axé e querem que o Brasil seja uma cópia do norte global. Você se identificaria como um verdadeiro patriota? Ou essa discussão a respeito do nacionalismo não te alcança?

Simas: Não me defino como patriota. Eu sou brasileiro, em virtude de uma circunstância óbvia (nasci no Brasil) e de circunstâncias que, ao longo da vida, foram

“Existe um Brasil que se constitui como projeto de nação fundado no horror, na espoliação colonial, no genocídio e no adestramento domesticador dos corpos; e um Brasil que encontra – nas brechas, em negação, resistência feroz ou negociação com esse projeto de horror – soluções de mundo espantosamente belas.”

moldando meus modos de ser a partir desse campo simbólico que constitui o que defino como "brasilidades". Não acho que exista exatamente um Brasil verdadeiro. Existe um Brasil que se constitui como projeto de nação fundado no horror, na espoliação colonial, no genocídio e no adestramento domesticador dos corpos; e um Brasil que encontra - nas brechas, em negação, resistência feroz ou negociação com esse projeto de horror - soluções de mundo espantosamente belas. É isso que defino como o embate entre o Brasil e as Brasilidades.



O escritor e historiador Luiz Antonio Simas. Foto: Michelle Beff.

ENTREVISTA - MILENA MARTINS MOURA

A arte sacra de cravar os dentes

Ewerton Ulyses Cardoso

Comunicador, designer, editor-fundador da revista O Odisseu. É ficcionista com contos publicados em antologias e graduando em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal da Bahia.



A entrevista:

Ewerton: Gostaria que você começasse falando de onde nascem os poemas de "O Cordeiro e os pecados dividindo o pão", livro de poemas que traz muito da herança cultural judaico-cristã que envolve o nosso cotidiano de forma inquisitorial.

Milena: Em primeiro lugar, acho que não tenho como separar a escrita do Cordeiro da minha própria vivência. Cresci uma menina católica numa família bastante tradicional. Domingo era dia de missa, fiz catecismo e primeira comunhão, mas algo sempre me pareceu fora de lugar. O conceito de um deus onisciente me dava vergonha no banho. O conceito de um deus onipotente me dava medo no escuro. Um deus onipotente, que já tinha matado afogadas suas próprias criaturas, me parecia perigoso como um bebê de colo brincando com o botão vermelho de uma bomba atômica. Em suma, o conceito de um deus nunca me fez sentir protegida, mas exposta e assustada: uma criança com medo dos fantasmas no armário e monstros embaixo da cama.

Foram necessários anos e alguns atritos familiares para assumir meu ateísmo. Assumi, nesse ensejo, minha solidão: ninguém estava me olhando no banho, não havia ninguém no escuro, no armário, embaixo da cama. Mas também não havia ninguém a quem clamar quando o bicho pegava: liberdade e solidão tantas vezes se confundem. Eu estava sozinha para o bem e para o mal. Ter crescido numa família religiosa também mexeu com a minha ideia e imagem do corpo. Porque sexo, sobretudo para as mulheres, era tabu, feio e sujo, que não se pode falar, que dirá tocar, cresci em constante luta entre a ideia do meu corpo como pecado ou como milagre. Enquanto me pregavam os malefícios da masturbação e do sexo pré-marital nos meus anos formativos, uma cabeça profundamente inquieta me dizia que um deus ter me criado com um corpo que eu não posso usar, cheio de desejos que eu não posso satisfazer, é de uma maldade abissal.

Em segundo lugar, não também não posso desatrelar o Cordeiro das minhas leituras. Tenho um grande apreço por um erotismo muito específico: uma poesia erótica escrita por mulheres que reescrevem o sagrado como ferramenta de resistência. Minhas leituras e a escrita desse livro se confundem e culminam no terceiro ponto.

Porque em terceiro lugar também não posso desatrelar este livro da minha pesquisa doutoral, em que é justamente esse o foco de estudo.

Então minha herança de vida e minhas leituras me



A poeta Milena Martins Moura. Foto: Raphael Aguiar

Milena Martins Moura é uma poeta para quem tem fôlego. Seus poemas são provocativos, brincam com o senso de moralidade tão presente em nossa sociedade. Traz um aspecto de texto sagrado, um tipo de texto que a autora toma como matéria para a subversão. Em "O Cordeiro e os pecados dividindo o pão" (ABOIO, 2023), encontramos poemas que vão de encontro à tradição judaico-cristã com críticas afiadas de quem conhece os cânones, mas já não os toma como regra de vida.

Na entrevista que você confere a seguir, será possível conhecer mais do universo particular de uma poeta que se afirma cada vez mais como uma voz relevante da poesia brasileira contemporânea. Com "O Cordeiro", Milena foi semifinalista do Prêmio Jabuti e algo me diz que ainda ouviremos o nome da autora em algumas outras premiações muito em breve. Fique agora com a entrevista!

levaram a este livro, que me levou à minha tese, que me fez visitar heranças e revirar leituras e foi nesse círculo vicioso que o Cordeirinho nasceu.

Ewerton: Existe, talvez, uma tendência de se ler poesia como um texto confessional do autor. Sabemos que nem sempre isso é verdade. Como fica no caso dos poemas de "O Cordeiro e os pecados dividindo o pão", principalmente quando você evoca a personagem "Milena", que aparece como uma criança sempre repreendida?

Milena: O Cordeiro não é autobiográfico e a milena nele não sou eu. E isso é mentira, ou meia verdade. Porque este livro nasce de vivências minhas, e essa menina pode ter sido eu em algum momento, mas, no ato da escrita, a palavra ressignifica o que eu vivi e quem eu fui. Sou muito crítica a uma leitura que tenta enxergar o autobiográfico/confessional em tudo, porque a literatura é um mecanismo forte de reescrita do real. Um fato deixa de ser o que aconteceu para se tornar o que é narrado, com as inflexões e os juízos de valor de quem o narra. Então, quando uma milena adulta, com três décadas a mais de vivência, em outro momento da vida, reescreve a milena criança, essa criança passa a ser aquela que me lembro ter sido, não exatamente aquela que fui. E a poética que eu construo em torno disso é menos fato e mais a reconstituição da memória e de como ela me acompanhou até o momento da escrita.

Ewerton: Ao longo da história, o corpo feminino foi muito demonizado pela cultura judaico-cristã. Em seus poemas, você apresenta muito esse corpo como o corpo "pecador", mas também um corpo que deseja a liberdade, a autonomia, um corpo que busca prazer. Qual a importância de, ainda hoje, retirar o tabu sobre a liberdade do corpo feminino?

Milena: Seria impossível colocar tudo o que eu penso sobre isso aqui, principalmente sendo exatamente esse o ponto da minha pesquisa de doutorado, o que me fez angariar muito material sobre esse assunto.

O cerceamento à sexualidade feminina nasce pari passu com a implementação da patrilinearidade nos ocidentais Próximo e Médio, que cultuaram por milênios a deusa Rainha do Céu, em sociedades matrilineares nas quais o sexo habitava a seara do sagrado sendo inclusive praticado nos templos da deusa. Suas sacerdotisas eram consideradas imaculadas. Por não haver a necessidade legal e jurídica da figura do pai para a transmissão de bens, que passavam de mãe para filhos, as mulheres podiam amar livremente. Não havia tabus sexuais, não havia ainda nem mesmo o mito do Éden e o ensejo ao tabu da nudez, uma mulher como danação da humanidade. Tudo isso veio depois.

O judaico-cristianismo é herdeiro de uma tradição que cerceou as liberdades sexuais femininas para a implementação da patrilinearidade e de uma divindade masculina. Mulheres antes livres passaram a ser, de acordo com escrituras fabricadas com o propósito de dar ares de vontade divina às reformas sociais (e o mito do Éden nasce aqui, demonizando elementos da religião da

"O 'Cordeiro' não é autobiográfico e a milena nele não sou eu. E isso é mentira, ou meia verdade."

religião da deusa, como a árvore, a serpente e a mulher), objeto de seus pais e, posteriormente, de seus maridos. As sacerdotisas da deusa passaram à história como prostitutas, as mulheres que se mantiveram fiéis aos costumes sexuais sagrados foram perseguidas, o adultério passou a ser punido com apedrejamento até a morte. A caça às bruxas é também herdeira dessa mesma tradição. Então vemos a profundidade que essa tradição atingiu no nosso tecido social e como ela até hoje impacta as vidas de milhares de mulheres todos os dias. Colocar a subordinação na boca de uma divindade é sempre muito efetivo, enseja preconceitos e guerras. Enseja até hoje a colonização dos nossos corpos.

Para falar apenas de um aspecto que colocou historicamente a mulher no patamar de sujeito subordinado. Nem entrarei aqui a transição do feudalismo para o capitalismo, mas sugiro a leitura de Merlin Stone e Silvia Federici.

Porque essa subordinação tem raízes históricas profundas e porque, em todo momento de recrudescimento conservador, todos os passos que demos à frente são puxados para trás, é preciso bater nessa tecla até ela desafinar. Os motivos para a colonização e os cerceamentos ao corpo feminino, sua subordinação social e inferiorização histórica estão arraigados, balizados pela religião, o sistema político-econômico, as leis, a medicina, a representação midiática, e tudo isso é reduplicado intergeracionalmente. Quem melhor para derrubar esse muro do que a nossa poesia?

(A religião, o sistema político-econômico, as leis, a medicina e a representação midiática, é claro. Mas não podemos ficar esperando. Então fazemos poesia.)

Ewerton: Ao ler seus poemas, consigo ver um vislumbre da influência de Hilda Hilst em seus versos. A presença de elementos como a água, o fogo e a busca pelos signos mitológicos para compor o seu universo poético tem muito de "Júbilo, Memória e Noviciado da Paixão". Hilda Hilst é uma influência para você? Fale um pouco disso.

Milena: Noviciado da Paixão". Hilda Hilst é uma influência para você? Fale um pouco disso.

Não haha. Eu gosto da Hilda, mas não posso dizer que seja uma referência. Acho que o fato de eu ler muito dessa produção erótica recente de mulheres no Brasil, uma poesia que se debruça sobre os temas da natureza e da religião, faz com que eu veja esses temas como uma tendência do nosso tempo. Algo que remonta a Gilka Machado, que passa por Hilda e Adélia Prado, e que chega

a Mika Andrade, por exemplo, e, bem, a mim também. São discursos que estão no ar e a gente vai pegando, usando, retrabalhando e ressignificando. O uso do judaico-cristianismo e da natureza como representação do erotismo escrito por mulheres é bastante recorrente na nossa produção poética, não pra menos eu tenho essa linha temática como um dos maiores focos da minha pesquisa. Mas não sei se posso falar em referências nesse caso. Penso muito mais em uma troca. A escrita de mulheres, como um todo, tem hoje, afinal, um grande aspecto de coletividade.

Ewerton: No poema 'da terra sob os peitos e outros castigos pelos feitos de eva', você retorna ao mito do pecado original presente na Bíblia para demonstrar como, desde essa construção até você mesma (o poema apresenta 'Milena' que deve 'esconder suas vergonhas'), as mulheres têm sido penalizadas. Nesse sentido, desobedecer ainda é preciso? Quais os desafios envolvidos?

Milena: Esse é um poema sobre menstruação. A "maçã vermelho-sangue salivando gêneses" é uma vagina sangrando.

Eu não gosto desse discurso de "precisamos urgentemente falar sobre...". Às vezes eu acho que a gente precisa justamente não falar. Estamos num tempo em que sempre se fala muito antes de se parar pra refletir e pensar sobre, um tempo reativo, de redes sociais e posicionamentos muitas vezes vazios, só pra aproveitar a hype. Então a minha postura tem sido parar primeiro, observar, criar uma opinião sobre e só então, às vezes muito depois de aquele assunto ter arrefecido, me posicionar. Pareço devagar, mas, como tantos autistas, sempre fui mesmo acusada de ser meio lerdinha. Tudo bem; Opinião é processo lento, nosso tempo é rápido demais pra mim.

Porém vou incorrer nesse discurso, porque "precisamos urgentemente falar sobre" a menstruação ser um fenômeno natural do corpo de uma mulher cis – nem deveria dizer "fenômeno", mas "fato" – e ainda assim ser um tabu. O único sangue que verte sem que seja por violência é também aquele que só começou a ser usado nos testes com absorventes em 2023 (quando inclusive se descobriu que, por não serem testados com sangue real, absorventes... absorvem menos sangue real).

Isso é importante porque nossa saúde é historicamente negligenciada. Sugiro inclusive o quadrinho "A vulva contra o patriarcado", de Liv Strömquist, que fala profundamente, porém de forma lúdica e irônica, sobre o assunto. Por muito tempo nosso corpo foi considerado um corpo masculino com defeito, pela metade, que deu errado. Por muito tempo a medicina corroborou a inferiorização do corpo feminino como algo biológico e muitos estudos sobre mulheres, hoje sabemos, foram apenas uma reduplicação dos preconceitos de seus autores, com caráter eugênico e patriarcal.

O risco de morte em acidentes de trânsito é maior para as mulheres porque os dummies (bonecos) usados em crash tests (testes de colisão) quando da fabricação dos automóveis não são projetados para o corpo

corpo feminino. Os cintos de segurança não são adequados para mulheres grávidas a partir do oitavo mês. A saúde sexual feminina ainda é pouco conhecida e apenas nos anos 90 conhecemos que foi encontrado o ponto G. Quase nada se estuda sobre a ejaculação feminina, o chamado squirt, "Dummies" usados em cursos de primeiros socorros são projetados com corpos masculinos, o que faz muitos socorristas não saberem aplicar a massagem cardíaca em pessoas com seios. As pílulas anticoncepcionais foram testadas em mulheres reais latino-americanas, muitas das quais morreram de trombose, mas a pílula masculina foi proibida por ter muitos efeitos colaterais (quer que eu abra a bula da minha?)

"Precisamos urgentemente falar sobre" a saúde feminina e como nossos corpos são inteiros exatamente como são, completos, e bonitos, com seus pelos, seus cheiros e seu sangue.

Ewerton: "Eu precisava só de um pouco mais:/ de tempo/ para a palavra", você escreve no poema 'dura-máter' e isso me lembrou aquele poema de Drummond 'Procura da Poesia', no qual ele fala desse tema do tempo necessário para que o poema "desabroche". Como você, enquanto poeta, lida com o tempo do poema? Especialmente sendo uma autora com uma obra que já podemos considerar vasta?

Milena: Eu escrevo devagar. Eu faço tudo meio devagar mesmo. A tecnologia acelerou o mundo, o mundo acelerou as nossas mentes, as nossas mentes estão pifando a olhos vistos com as bênçãos do mercado de trabalho e a tecnologia continua acelerando o mundo e o mundo continua querendo que a gente acelere junto.

Então eu tomo o meu tempo. Pra escrever, pra responder a essa entrevista, pra tirar uma dúvida no site da cassandra, pra editar um livro na Macabéa, pra escrever, pra preparar um bom almoço, pra botar a máquina de roupa,

“Por muito tempo a medicina corroborou a inferiorização do corpo feminino como algo biológico e muitos estudos sobre mulheres, hoje sabemos, foram apenas uma reduplicação dos preconceitos de seus autores, com caráter eugênico e patriarcal.”

pra fazer as compras de frutas, pra lavar as frutas, pra escrever, pra responder a essa pergunta, pra escrever.

O imediatismo do mundo desmantelou as relações de trabalho, as prestações de serviço, os produtos, o atendimento. E as amizades, as relações pessoais, as famílias, os amores. É tudo muito reativo, pouca reflexão em cima dos próximos passos. Eu provavelmente estou perdendo a corrida do mundo por ainda estar me indagando a melhor maneira de amarrar os sapatos pra dar os próximos passos sem tropeçar, às vezes parece que todo mundo já está acostumado. Mas eu não. Eu preciso de tempo

Talvez essa resposta tenha ficado uma merda. Talvez amanhã me saia um bom poema. Só o tempo vai dizer.

Ewerton: No maravilhoso poema "Ofício das Mortes", que é a terceira parte da trilogia Ouropretana, dois versos muito bonitos abrem o poema: Eu estou respirando/ Isso é um milagre. Nos demais versos você destaca como a voz que ecoa hoje, a pessoa que hoje respira, a pessoa que hoje escreve assim o faz por conta da rebeldia de muitos (ou muitas) dos que vieram antes. Na sua trajetória de poeta, quem são as que vieram antes?

Milena: Esse é um poema sobre a evolução e como o ser humano se acha o ápice da existência, mas é na verdade fruto de éons de desenvolvimento biológico. E o poema culmina na escrita, porque foi preciso primeiro existir o universo pra que pudesse haver o poema.

Sou uma grande apaixonada por ciência, meu primeiro grande sonho foi ser astrônoma (mas não era coisa de menina, milena, vai brincar com seu ferro de passar). Então gosto da ideia de que tudo que nos cerca, o universo conhecido, os átomos que fizeram tudo na história da humanidade, que fazem a nós todos agora mesmo, já estava ali, condensado na primeira centelha da criação, que explodiu e originou o tempo e o espaço como os conhecemos. E por isso cada pessoa que conhecemos na nossa vida estamos na verdade reencontrando, cada planta, cada animal, cada folha de papel.

Foi a transformação da matéria que gerou as estrelas, os planetas, nebulosas e pessoas.

Foi preciso primeiro existir o universo pra que houvesse Terra, pra que houvesse água na Terra e a matéria orgânica na água, e descargas elétricas na atmosfera que animassem a matéria, e as primeiras plantas, as criaturas pluricelulares, os primeiros exilados das águas vindo morar aqui no lado seco do planeta com seus olhos até hoje não adaptados à vida fora dos oceanos. Foi preciso tudo isso pra gente existir. São tantas as intempéries no caminho da vida que o nosso planeta é o único no qual a sabemos existir. A vida é um grande milagre.

É preciso que haja milagre pra haver poesia.

Ewerton: Gostaria que você falasse do poema "Cassandra". Talvez eu tenha ido longe demais, mas outra poeta com quem você parece dialogar é a Cassandra Rios. Quando vi o poema pensei que

poderia ser um sinal de que a minha teoria estaria certa (para além do fato de você editar a revista Cassandra)! No poema, o verso uma mulher não se consome pelo fogo também me fez pensar muito em Cassandra que foi essa mulher perseguida e queimada simbolicamente como bruxa. Como se deu a escrita do poema?

Milena: Eu adoro a Cassandra Rios. Mas a revista cassandra (e o poema) são devidos à Cassandra mitológica, na verdade.

Quando dei o nome à revista, minha ideia era resgatar a Cassandra assombrada pelas suas visões. Penso que toda mulher precisa ser uma Cassandra, pois temos sempre que nos antecipar ao que pode acontecer, como forma de proteção. Pensar a que horas vamos voltar, como agir caso alguém nos aborde, o que devemos levar que nos proteja de um possível assédio, como nos resguardar naquela festa, naquele bar, na volta pra casa.

Somos ensinadas desde crianças que devemos nos dar o respeito pelos mesmos adultos que não ensinam os meninos a respeitarem, crescemos acreditando que uma saia mais longa nos salvaria do estupro ou da mão boba passada pelo velho tarado do ônibus, quando nada disso é verdade. Nunca foi o tamanho da saia ou a hora de chegar em casa, sempre foi exercício de submissão e poder. Por isso, vamos aprendendo a viver em expectativa, prevendo possíveis desfechos que repetimos na mente como forma de, caso aconteçam, estarmos preparadas.

Toda mulher é uma Cassandra. E, como ela, a sociedade nos diz loucas, não é nada disso, você está exagerando, são só casos isolados.

A mesma sociedade patriarcal que nos jogou ao fogo antes hoje continua trabalhando para a manutenção de privilégios de gênero que nunca são nossos. E por isso precisamos continuar vivendo em expectativa. Uma "cassandra em vigília/ prevendo incêndios".

Ewerton: Há muita sensualidade entre os poemas. Você trata com maestria o tema do prazer feminino que ainda é tabu e que foi tabu na época de HH e Cassandra Rios. Dito isso, embora possamos dizer que existe uma tradição de poesias sobre o prazer feminino, ainda é um desafio escrever sobre o tema? Ainda assusta?

Milena: Eu sou a pior pessoa a quem perguntar isso, porque estudo, escrevo e leio muito essa produção poética. Então, pra mim, é algo que me parece sintomático dos tempos, comum até. Mulheres estão escrevendo sobre

“Toda mulher é uma Cassandra. E, como ela, a sociedade nos diz loucas, não é nada disso, você está exagerando, são só casos isolados.”

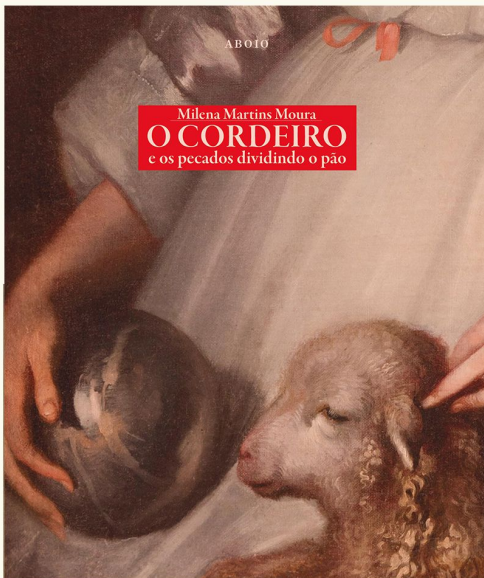
Caderno 2

ENTREVISTA - MILENA MARTINS MOURA

seus corpos e o seu prazer, reivindicando a figura ativa no sexo em contraposição à histórica construção do feminino como parte passiva. Estão usando essas imagens da sexualidade feminina como ferramenta de resistência antipatriarcal, retrabalhando os mitos que ensejam arquétipos moralizantes, aproximando a natureza e o humano, problematizando o existir como mulher sob o patriarcado. O erotismo escrito por mulheres nunca esteve tão latente. Recomendo a todo mundo que estiver lendo isso aqui que vá atrás dessa poesia. É fascinante.

Ewerton: No posfácio de Paula Glenadel, ela escreve que existe uma fome e uma sede que percorre todo o livro. Sim, de fato se trata de uma imagem presente em todos os poemas. Talvez seja provocativo demais, ao mesmo tempo que é irresistível e por isso tenho de perguntar: você tem fome e sede de quê?

Milena: Milagre.



A poeta Milena Martins Moura. Foto: Raphael Aguiar



“Mulheres estão escrevendo sobre seus corpos e o seu prazer, reivindicando a figura ativa no sexo em contraposição à histórica construção do feminino como parte passiva. Estão usando essas imagens da sexualidade feminina como ferramenta de resistência antipatriarcal, retrabalhando os mitos que ensejam arquétipos moralizantes, aproximando a natureza e o humano, problematizando o existir como mulher sob o patriarcado. O erotismo escrito por mulheres nunca esteve tão latente.”

ENTREVISTA - CARLUCE COUTO

Carnaval é saudade

Ewerton Ulyses Cardoso

Comunicador, designer, editor-fundador da revista O Odisseu. É ficcionista com contos publicados em antologias e graduando em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal da Bahia.



A escritora Carluce Couto. Foto: Denni Sales..

A cena literária soteropolitana está com tudo! Quem ainda não deu uma conferida nos últimos lançamentos deve, por bem, procurar saber. “Aos que morrem em silêncio”, romance de estreia de Carluce Couto (CEPE - 2024), é um romance delicado sobre sentimentos muito complexos e que, raramente, conseguimos elaborar bem. O livro trabalha questões como luto, traumas da infância e o abandono enquanto tem como plano de fundo a cidade de Salvador e, mais precisamente, o carnaval soteropolitano.

A autora busca tecer uma trama que vai da alegria à nostalgia e a dor que, há quem diga, não poderia existir na Bahia. Por isso achei, de fato, uma surpresa muito agradável um romance que conseguiu trazer outra perspectiva da cidade. Na entrevista, conversamos um pouco sobre as inspirações, sobre a construção do romance e também sobre os próximos passos da autora.

A entrevista:

Ewerton: Você tem uma trajetória bem interdisciplinar, do direito às artes cênicas. Como você chega na literatura? Sempre quis escrever ou é algo novo?

Carluce: A literatura se apresenta para mim, antes de tudo, como leitora. E foram os diversos autores que li ao longo dos anos que me formaram enquanto escritora.

Esse lugar de leitora me foi dado, em grande parte, pelo meu pai. Cresci vendo-o cercado por jornais e livros, sempre imerso não apenas na literatura, mas também na política, filosofia, sociologia, história... Por admiração, acabei herdando seu hábito de leitura. Foi admirando meu pai e querendo alcançar, ao menos, um pouco da sua sabedoria, que eu aprendi a gostar de ler.

Há outra dimensão da influência de meu pai na minha vontade de escrever: na minha infância, ele inventava histórias para que eu pegasse no sono. Dormir

emabalada pelas histórias criadas por ele, de certo modo, me fez crer que eu podia fabular também.

Já na adolescência, eu comecei a escrever poesias e contos como forma de dar nome às aflições próprias daquela idade. E eu, que sou introvertida, encontrei ali uma maneira prazerosa de me expressar. Era algo despretensioso – eu compartilhava os meus escritos com um pequeno grupo de pessoas (algumas amigas e professores de literatura e de redação, que me incentivaram a continuar escrevendo).

Ewerton: E como nasce este livro, especificamente? Conta um pouco do processo de escrita de “Aos que morrem em silêncio”

Carluce: O livro surgiu a partir de quatro personagens: a tia, Alfonso, o Menino, e a narradora que, à época, figurava em primeira pessoa. Todos os dias eu escrevia um pouco e, assim, as histórias foram se conectando, outras personagens surgiram, o passado e o presente enlaçaram-se de uma forma tal que ficou difícil separá-los. E então assumi essa escrita não-linear, em que os lugares, os tempos e as personagens embaralham-se – como a própria protagonista, que se rende à desordem, talvez porque no caos encontre sua forma mais livre de existir.

Ewerton: Ainda sobre a sua trajetória, no livro nós encontramos alguns vestígios que é possível associar à sua vida pessoal. A personagem Bebel, por exemplo, é advogada e há também a presença de uma atriz de teatro na trama. Fiquei pensando se o livro, em si, tem alguma inspiração na sua vida mesmo. Você convoca a autoficção para a sua escrita?

Carluce: As pessoas tendem a associar os autores com os protagonistas de suas histórias. Paralelo a isso, o gênero da autoficção, apesar de não ser uma novidade, está muito em voga atualmente. Por isso, acho natural essa pergunta ser feita. Por outro lado, fico me questionando: é possível escrever um livro sem doar fragmentos de si?

“Aos que morrem em silêncio” está longe de ser uma obra de autoficção, mas, inevitavelmente, carrega muito de mim. Não nos eventos narrados, mas na maneira de sentir ou de perceber no outro – a dor, o luto, a alegria, a paixão...

Ewerton: Algo muito interessante em seu livro é que há a predominância da cidade de Salvador. São muitos os elementos que você traz para a narrativa que são reconhecíveis para quem mora aqui. Em que medida a cidade te inspirou também a construir a história?

Carluce: Eu costumo dizer que Salvador, neste livro, não é apenas um cenário, mas uma personagem. Ela me inspira e me provoca, talvez porque exista uma mistificação em torno dela, muito com esse propósito de vender um ideal de cidade...

O que me fascina, no entanto, são suas complexidades, tudo o que escapa a esse ideal. Quis falar de uma Salvador que, sim, é linda, com o Porto da Barra e

“Aos que morrem em silêncio’ está longe de ser uma obra de autoficção, mas, inevitavelmente, carrega muito de mim. Não nos eventos narrados, mas na maneira de sentir ou de perceber no outro — a dor, o luto, a alegria, a paixão...”

e a Baía de Todos-os-Santos, mas que também pode ser dura, insegura e desigual para muitos.

Neste livro, tem a Avenida Paralela e a Avenida Sete, e me alegra dar nome a esses lugares, falar dos espaços que compõem a cidade, sem maiores apresentações. Porque a literatura feita no Rio de Janeiro e em São Paulo não precisa explicar as suas ruas – elas simplesmente aparecem.

Ewerton: Seguindo nessa linha, outro elemento que você traz é o carnaval de Salvador. Quase um símbolo absoluto de alegria para alguns, mas que você dá outra dimensão (como a melancolia e a saudade). Gostaria que você falasse mais sobre essa decisão de escrever sobre o carnaval de forma não romantizada.

Carluce: Há uma passagem no livro, logo depois de Bebel-criança se perguntar o porquê dos foliões, pessoas tão vivas, tão acesas, vestirem trajes chamados “mortalha”, que diz: “A morte cabe em tudo que é vivo, e o esplendor da celebração decorre da existência das cinzas da quarta-feira”.

O Carnaval, então, acaba sendo uma metáfora para vida e para a morte. Não por coincidência ele é pano de fundo para um nascimento e para uma morte reais. Digo ‘reais’ porque há outras representações de vida e morte no livro. Por exemplo, ao tempo em que algumas pessoas se divertem, experimentam uma alegria “pulsante”, outras trabalham em condições precárias, lutando pelo mínimo de dignidade. Vida e morte coexistindo no mesmo cenário.

Caderno 2

ENTREVISTA - CARLUCE COUTO

Ewerton: O livro também traz muito da dimensão da infância sobre a vida adulta e dos traumas da infância. Como foi para você construir esses personagens convocando a infância como uma maneira de dar profundidade?

Carluce: A infância possui uma tessitura mágica porque tudo é novo. Então, de certa forma, o que entendemos como 'realidade' ainda não existe. Essa maneira de experienciar o mundo sem amarras, pela primeira vez, faz com que os eventos tenham dimensões grandiosas e as emoções decorrentes deles também. Acho que ter um olhar "infantil", nesse sentido, é importante para o escritor: esse olhar que ainda não possui as lentes da 'realidade'; o olhar de quem ainda convive com o absurdo da existência.

Ewerton: O título é muito significativo na narrativa e forte mesmo para aqueles que não conhecem ainda a história. Fale um pouco sobre ele.

Carluce: "Aos que morrem em silêncio" era a dedicatória do livro antes mesmo dele ter um nome. Marcelo Ariel (escritor que fez o texto de orelha) sugeriu que aquele fosse o título do livro e eu gostei da ideia, principalmente porque eu estava com dificuldades em escolher um bom nome (risos). Então "Aos que morrem em silêncio" ficou como título e dedicatória.

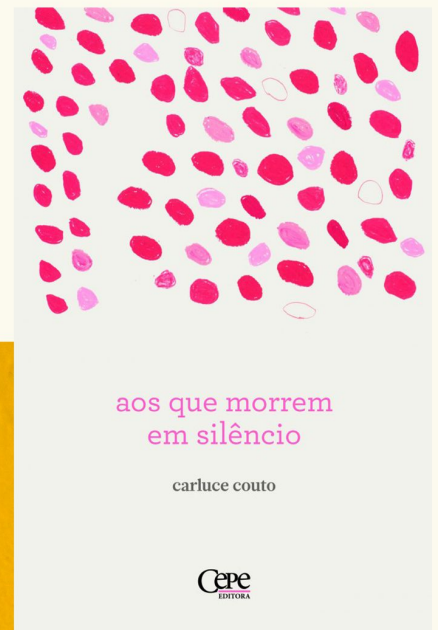
Entre outras coisas, o livro aborda a história de

uma família em que mulheres morrem precocemente, mas a interpretação do título não deve parar por aí. Há mortes "simbólicas" no decorrer da trama: violências que também são mortes silenciosas e silenciadas.

Ewerton: Agora que o primeiro livro está no mundo, o que você tem de projetos daqui pra frente no campo da literatura?

Carluce: O livro tem um pouco mais de um mês de lançado e eu ainda tô naquele processo de me distanciar dele, de ver como aquelas personagens, que por tanto tempo habitaram apenas comigo, agora ganham vida na leitura dos outros.

Já tenho algumas ideias para um próximo livro sim, embora não tenha pressa. Respeito o tempo da maturação das histórias e sei que o caminho entre escrita e publicação pode ser demorado.



A escritora Carluce Couto. Foto: Denni Sales.

POESIA

Seleção de Poemas

Márcio Ketner Sguassábia

pirassununguense de 24 anos, é poeta, autor de "sob o sono dos séculos" (Laranja Original – 2022), "o idioma da memória" (Laranja Original – 2024) e "pedranguares" (poeCia – 2024). Tem poemas e contos publicados em algumas antologias. Há cinco anos, leciona literatura no Cursinho Popular da UFTM, onde estuda.



mesa posta, poesia,
à tua espera

sem toalha
enfeite
convidado

sobre a imbuia
caneta e papel
(o só que consomes)

e o jeito de garfo
faca
colher
em que me transfaço
para te servir

ciel de france

o rei se pôs
no lugar do sol
a pino

horas depois
na lei que o destino
assina

o horizonte
quis brincar
de guilhotina

poema não tirado de uma notícia de jornal

aqui na barão de ituberaba
quase esquina com a castro alves
cortaram a sibipiruna

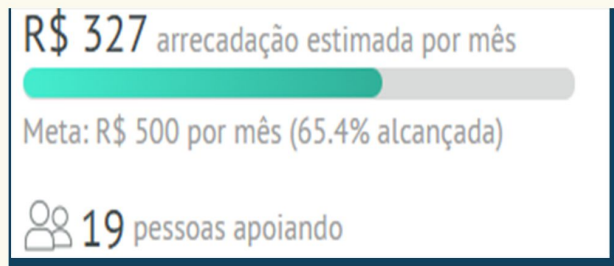
o casal de tucanos é sem casa

prece

quando as telas se apagarem
me desperte
quando os nomes se perderem
me defina
quando as cartas se queimarem
me absolva
quando maio já for junho
me acompanhe
quando o tempo for de espera
me permita
quando o azul for a paisagem
me conduza

Nosso muito obrigado aos nossos heróis apoiaadores!

Paulo Roberto
Débora
Aristóteles
Marielson
Paulo Alexandre
Nicole
Denisson
Mariana
Frank Kevin
Luciana
Jhanade
Aline Sulzbach
Victória Lane
Gabriela Carneiro
Francisco Rafael
Patrícia Larini
Rosângela



Nossa campanha está em 65,4% da meta estabelecida! Ajude-nos a chegar em 100%

TORNE-SE UM APOIADOR DA REVISTA O ODISSEU A PARTIR DE R\$5!

Entre as recompensas para apoiadores estão o acesso a cursos inéditos, clubes do livro exclusivos e brindes personalizados. Acesse o link (Qr Code ao lado) e saiba mais!



Expediente

Equipe Editorial: Aline Félix, Caio Paiva Ribeiro, Carol Antunes Ewerton Ulysses Cardoso e Pedro Henrique Rodrigues

Curadoria da edição: Caio Paiva Ribeiro

Diagramação: Ewerton Ulysses Cardoso

Revisão: Carol Antunes, Esther Dantas, Ewerton Ulysses Cardoso, Matheus Xavier e Pedro Henrique Rodrigues.

Arte de Capa: Maicon Aquino